



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO
GLOBAL DE ALFABETIZAÇÃO**

Andressa Rejane Mendes Moreira

BRASÍLIA - DF, Dezembro de 2013



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO
GLOBAL DE ALFABETIZAÇÃO**

Andressa Rejane Mendes Moreira

BRASÍLIA - DF, Dezembro de 2013

Andressa Rejane Mendes Moreira

CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO GLOBAL DE ALFABETIZAÇÃO

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Comissão Examinadora:

Professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dra. Ana Dilma de Almeida Pereira

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília – DF, 16 de dezembro de 2013

Andressa Rejane Mendes Moreira

CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO GLOBAL DE ALFABETIZAÇÃO

Trabalho Final de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, pela Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Comissão Examinadora:

Professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dra. Ana Dilma de Almeida Pereira
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília – DF, 16 de dezembro de 2013

Dedico este trabalho aos meus pais, que tanto me apoiaram, as minhas irmãs que me incentivaram e aos amigos pela força e companhia para a conclusão de mais uma conquista da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela saúde, à minha família, que sempre me deu condições nesses quatro anos para continuar minha jornada acadêmica, ao meu pai Antônio Moreira que sempre se orgulhou da minha trajetória, e que acreditou, mesmo nas horas difíceis, na conclusão dessa etapa. Agradeço à minha mãe Carmem Oliveira pelos cuidados, atenção e carinho, foram suas palavras e apoio que nunca me fizeram desistir. Agradeço às minhas irmãs Adriana Moreira e Alessandra Moreira por compreenderem a minha ansiedade e irritabilidade, pelas noites em claro que passaram para me encorajar.

Agradeço as minhas amigas Alana e Mikaele que fizeram parte de todo o meu processo de formação acadêmica nas horas alegres e também triste e por serem minhas melhores companhias desde o primeiro semestre no curso. Seu apoio foi indispensável para a realização desse trabalho.

Agradeço aos meus amigos Alex Lacerda e Maria Andrade por compreenderem as minhas ausências nos últimos seis meses, por me apoiarem, pelo carinho e confiança que em mim depositaram.

Agradeço à minha orientadora, Dra Teresa Cristina, que aceitou com cordialidade meu pedido e que apesar de todas as dificuldades continuou com dedicação e disposição para que esse trabalho chegasse a conclusão.

Agradeço às Professoras Dra Alexandra Rodrigues e à Dra Ana Dilma Almeida por aceitarem participar cordialmente para a banca avaliadora do Trabalho Final de Curso.

Agradeço a todos os professores da Universidade de Brasília por participarem da minha formação acadêmica.

Agradeço a todos que contribuíram para a realização desse trabalho.

MOREIRA, Andressa Rejane Mendes. **Considerações sobre o Método Global de Alfabetização**. Universidade de Brasília: Brasília. Brasília – DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho Final de Curso), 2013.

RESUMO

O processo de alfabetização é uma etapa importante para o desenvolvimento e aprendizado da criança. A aquisição da leitura e da escrita muda a concepção de mundo dessa, que passa a enxergar também o mundo letrado. Porém esse processo nem sempre é realizado de forma adequada, o que prejudica a aprendizagem. O objetivo principal deste trabalho é elaborar uma reflexão sobre o Método Global de Alfabetização e ainda apresentar os seguintes objetivos específicos: verificar a proposta da escola para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças e identificar as estratégias de aprendizagem de três atividades do método global de alfabetização. Para tanto, foi realizada uma pesquisa em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental com vinte crianças com idade de sete anos, em processo de alfabetização, em uma escola da rede particular de ensino, localizada na Asa Norte – Brasília/DF. Também foram entrevistadas a Diretora, a Professora Regente e a Coordenadora da escola. Os resultados obtidos indicam que em relação às atividades propostas pelo método de ensino, obteve-se resultados positivos quanto a alfabetização de algumas crianças, porém foram apontadas algumas dificuldades para que outros objetivos de aprendizagem sejam alcançados. A principal dificuldade foi em decorrência da inflexibilidade metodológica. Observou-se, ainda, que a instituição possui uma participação ativa na elaboração do cronograma e dos recursos didáticos e também na preparação metodológica para a atuação da professora em sala de aula. Conclui-se que, embora o Método Global de Alfabetização apresente resultados satisfatórios para algumas crianças, precisa de adequações em relação à criatividade e a liberdade de expressão e construção do conhecimento das crianças.

Palavras – chave: Método Global de Alfabetização, Processo de Alfabetização, crianças.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
PARTE I:	
MEMORIAL EDUCATIVO.....	11
PARTE II	
INTRODUÇÃO.....	18
CAPÍTULO 1 – ALFABETIZAÇÃO	20
1. Contexto Histórico.....	20
2. Métodos de Alfabetização.....	23
2.1. Métodos Sintéticos.....	23
2.2. Métodos Analíticos.....	25
3. A psicogênese da escrita	28
4. O letramento.....	30
5. O MEC e a alfabetização.....	32
5.1. BIA (Bloco Inicial de Alfabetização).....	33
CAPÍTULO 2 – MÉTODOS GLOBAIS DE ALFABETIZAÇÃO.....	35
2. O método global e o movimento Escola Nova.....	35
2.1. Tipos de Métodos Globais.....	41
2.1.1. Método Global de Contos.....	43
2.1.2. Metodologia de base linguística.....	44
2.1.3. Método Natural de Frenet.....	44
2.1.4. Método Paulo Freire.....	45
2.1.5. Etapas de uma unidade.....	45
3. Pedagogia Logosófica.....	47
CAPÍTULO III: METODOLOGIA.....	50
CAPÍTULO IV: ANÁLISE DOS RESULTADOS	54
CAPÍTULO V: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	74
ANEXOS.....	76
APÊNDICES.....	90

APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem por objetivo elaborar uma reflexão sobre o método global de alfabetização em uma turma de alfabetização.

O trabalho está estruturado em três unidades interligadas que são:

A primeira unidade do referido trabalho é composta pelo memorial educativo, em que se é apresentado a minha trajetória acadêmica, refletindo sobre meu percurso histórico e acadêmico e minha prática docente.

A segunda unidade do trabalho será apresentada em quatro capítulos, sendo o primeiro capítulo sobre a Alfabetização em um contexto geral e histórico, em que serão explanadas as várias metodologias de alfabetização, que partem da marcha sintética para a global, finalizando com reflexões acerca da utilização de técnicas e as teorias construtivistas e a posição do Ministério da Educação em relação a essa etapa de ensino. No segundo capítulo, será abordado de maneira mais específica um histórico sobre os Métodos Globais de Alfabetização, trazendo suas raízes teóricas, os principais autores e a especificidade de cada método. O terceiro capítulo, composto pela metodologia utilizada para a realização desta pesquisa de cunho participante com base qualitativa, descreve os instrumentos utilizados e o local da pesquisa, juntamente com os participantes e colaboradores desta. O quarto capítulo consiste na análise dos dados coletados, que é composto por dois instrumentos de coleta, um roteiro de observação e três questionários. O quinto capítulo é destinado as conclusões da referida pesquisa, que visa uma reflexão docente a partir do trabalho exposto, visando responder os objetivos da pesquisa, quanto ao alcance ou não destes.

A terceira unidade é voltada para as minhas perspectivas profissionais, em que são apresentados meus objetivos ao término do curso, sendo uma profissional sempre dedicada e disposta a aprender e aperfeiçoar minha prática docente.

Parte I
Memorial Educativo

Memorial Educativo

Iniciei vida acadêmica aos 6 anos em 1997. Eu ficava em uma creche pública em que minha mãe trabalhava como cozinheira, em Brazlândia-DF. Meu pai trabalhava como ajudante de pedreiro na mesma cidade. Nesse período, tomei contato com o mundo letrado, que até então, era desconhecido para mim. Nessa fase, tive contato com as letras do alfabeto, maiúsculas e minúsculas, letra cursiva e letra bastão e como ainda eu não estava no pré-escolar, nada era muito sistematizado, então não tive contato com junção de letras, sílabas, fonemas, apenas conhecia o alfabeto, sua distinção entre consoantes e vogais e a grafia. Uma das atividades que eu adorava fazer nesse espaço, que funcionava em tempo integral, era as aulas de teatro, em que eu participava das apresentações da escola, pois tinha uma boa desenvoltura em público, além disso gostava das aulas de capoeira, pois o professor era atencioso e mostrava muita paciência conosco.

Na metade do ano de 1997, minha família mudou-se para uma cidade do interior de Goiás, chamada Girassol – GO. Era apenas um pequeno povoado com no máximo 5 (cinco) mil habitantes, distrito de Cocalzinho – GO. O grande motivo da nossa mudança foi o fato da grande parte da minha família materna está morando lá. A cidade tinha apenas uma pequena escola rural de Ensino Fundamental, que atendia a primeira e segunda fase do E.F, não havia Ensino Médio, quem optava por continuar, devia que se deslocar para Cocalzinho –GO. Nessa escola, como entrei no meio do ano, a única turma que atendia minha idade era o pré-escolar e houve uma recusa para me matricular no meio do ano, pois eu ainda não estava alfabetizada, e toda turma do pré já estava. Com muita insistência da minha mãe eles me matricularam. No meu primeiro dia de aula, o quadro negro estava lotado de palavras, que para mim não faziam sentido algum. A professora passava pelas palavras e a turma inteira acompanhava em voz alta aquilo que estava escrito e ela parabenizava. Usávamos uma cartilha, que continham as sílabas, imagens e palavras. A professora chamava um de cada vez em sua mesa para “tomar leitura”, e então ela me chamou. Quando cheguei a sua mesa ela pediu para que eu lesse algumas palavras em sua cartilha, porém eu não conseguia. Já nervosa, ela mudou a página para uma do início, onde haviam bonequinhos dizendo “Oi” , “Ai”, “Au” e pediu para que eu lesse, e eu assustada e com muito medo digo que não sei, que não conseguia. Furiosa, ela me olhou e disse em voz alta que eu iria reprovar, e não poderiam ter me colocado em uma turma que já sabia ler, que eu era burra e que deveria me sentar. Nesse momento, com lágrimas nos olhos, sento-me e choro muito, enquanto

ela toma a leitura da turma em voz alta. Nesse momento, refletia as palavras dela, e não compreendia sua atitude, mal sabia o que era reprovar, mas imaginei que fosse algo ruim. Ao chegar em casa, guardei o que havia acontecido comigo e, quando me perguntavam se minha aula havia sido boa, só afirmava que tinha sido. Então peguei alguns livros da minha irmã mais velha, que estava na 6^o série, e comecei a folheá-lo, olhava as imagens e pensava que não poderia ser tão “burra” para conseguir juntar as letras. Então, fazia esse exercício diariamente, e prestava muita atenção nas aulas e em como meus colegas faziam. E então, mesmo sem descobrir o grande segredo daquelas letras, começo a decodificar as palavras, e a partir de então, começo a ler e me torno uma aluna dedicada e atenciosa, sempre com bom desempenho e capricho. Estudei nessa escola até os 12 anos.

Quando estava na 6^o série, já na segunda etapa do Ensino Fundamental, meus pais mudaram novamente de cidade, pois meus dois irmãos mais velhos já estavam no Ensino Médio, como havia citado, nessa cidade não tinha ensino médio. Portanto, meus pais se mudaram para Santa Maria – DF, pois meus familiares da parte paterna residem lá. Mudamos no final do ano de 2004. Iniciei a 7^o série nessa cidade no ano de 2005, em uma escola pública. Tudo era diferente, as pessoas, os professores, os colegas de classe. A escola era grande e tinha uma carga horária maior do que a minha escola antiga. Não me adaptei a essa nova escola, pois fiquei assustada com a marginalidade, fiquei em uma turma de defasados, sendo a mais nova, fiquei com medo daqueles gigantes, que não se assemelhavam em nada comigo. Mas nunca quis passar isso aos meus pais, pois eu tinha apenas um objetivo, estudar. E assim eu seguia os dois últimos anos do Ensino Fundamental, sem muita interação social e considerada pelos professores uma aluna dedicada e inteligente.

Em 2008, ao chegar no Ensino Médio, mudei novamente de escola, fui estudar no Gama – DF, o Centro de Ensino Médio 01 do Gama, pois meus pais julgavam ser a melhor opção de escola para nós. Deparei-me novamente com outra realidade, uma escola com uma estrutura física enorme, pessoas de vários estilos, grupos, e quase todos se conheciam. Com o mesmo pensamento dos anos anteriores, minha menor preocupação era fazer amizades, estava ali para estudar e tirar boas notas. Até a metade do primeiro ano, não fiz grandes contatos sociais, fazia alguns trabalhos em grupos que não passavam do ambiente escolar. Sempre tirando notas boas e me dedicando. Na metade desse ano, conheci um grupo que sentava no fundo da sala. Eram os alunos que eram caracterizados por “matar aula”, “tirar notas ruins”, ou seja, os desinteressados.

Comecei a interagir com eles e cada vez mais tinha comportamento como o deles, nesse momento conheci o outro lado da escola, o lado de fora. Passei a matar aulas, dar pouco valor às atividades, a conversar, e me desinteressei pelos estudos. Em consequência, minhas notas caíram, e quase me vi em uma temida “reprovação”, que conheci desde cedo. No segundo ano, já não era aquela menina que não tinha amigos, conversava com quase todos da turma, porém não obtinha o mesmo resultado que apresentava no E.F, minhas notas não eram satisfatórias, porém, o resultado que tive no Programa de Avaliação Seriada da Universidade de Brasília - PAS – UnB, foi bom, acima da média geral e da escola, até mesmo dos meus colegas. Ao chegar no último ano do Ensino Médio, quase metade da minha turma já não estava mais lá, os que reprovaram desistiram, ou foram fazer EJA (Educação de Jovens e Adultos). Minha turma era bem menor, e só estavam lá aqueles que realmente queriam e tinham condições de finalizar essa etapa de ensino. Nessa fase comecei a refletir qual seria a melhor opção a ser tomada após o Ensino Médio - EM, passei a me dedicar às aulas e atividades, minhas notas se recuperaram, menos nas áreas de exatas, em que tenho muita dificuldade. Na metade do ano já havia decidido que iria trabalhar após terminar o EM, pois pensava que não conseguiria passar em uma universidade pública, e muito menos conseguir uma bolsa de estudos. Havia alunos que se dedicavam apenas para isso, fazendo cursinho, estudando em casa, e eu não fazia nada para obter tais resultados, pois meus pais não tinham condições de pagar cursinho, e pela falta de informação na escola sobre Ensino Superior, processos seletivos, Programas para Ingresso a Educação Superior, acreditava que essa realidade estava muito distante de mim. Ao final do Ensino Médio, fiz minha inscrição para a última etapa do PAS, pois minha mãe insistiu. Optei por Pedagogia, pois tenho uma tia que é professora, e como desde pequena a admirava como pessoa e como profissional, fiz minha inscrição para o curso, porém sem esperanças. Terminei o Ensino Médio e logo comecei a trabalhar, em dezembro do mesmo ano, pois esse era meu objetivo. Fiz os processos seletivos, como o PAS e o ENEM, e aguardei os resultados.

Em janeiro de 2010, já cansada da minha realidade pois tinha um ofício cansativo como frentista de um posto de gasolina , e cheguei tarde em casa do meu trabalho e vou ver o resultado do PAS, ao colocar meu nome, quase não acreditei, sim, eu havia conseguido uma vaga na universidade mais concorrida de Brasília. Contei a família somente no outro dia, para ter certeza que era realmente eu. De início, meus pais não se animaram muito, pois não conheciam a Universidade de Brasília, achavam que

teriam que pagar mensalidade e que seria difícil conciliar trabalho e estudo. Com o tempo a medida que ia conhecendo a UnB ia passando a eles, o que fizeram sentir orgulho do resultado, pois havia sido a primeira da família a conseguir passar no vestibular e cursar o ensino superior. Quanto ao curso, não existe pessoas mais orgulhosas com a escolha quanto eles, pois reconhecem o valor da profissão, que é muito bem vista em minha família.

Meu primeiro semestre na UnB, foi marcado por uma das maiores greves, 3 (três) meses, o que me deixava com mais expectativas quanto ao curso, pois estava entusiasmada e ansiosa para iniciar a graduação. Enfim, a greve finaliza, e tomo meu contato com a vida universitária. Tudo me encantava, as disciplinas, os professores, as pessoas que estava conhecendo. A primeira aula que foi Antropologia e Educação – ministrada pela Dra Laís Mourão, mostrou como seria rico e com caráter formador que o curso iria ter, pois conseguimos ter dimensão que a educação não se restringe a sala de aula, uma visão genérica que temos, mas que a educação tem conceitos, teorias, autores, que vão para além do senso comum, sistematizando conceitos a fim de qualificar a formação.

O projeto 1 – Orientação Acadêmica - ministrada pela Dra Maria Zélia Borba Rocha, também nos deu um panorama sobre os históricos da educação no Brasil, em uma visão política, social, econômica, sempre contextualizando os quadros educacionais para melhor compreensão. Nessa disciplina, também tivemos a iniciação para a vida acadêmica universitária, pois conseguimos entender como funciona a universidade, dentro de cada departamento e faculdade, a organização administrativa da universidade, juntamente com os ideais de seus fundadores, como Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro para um novo modelo de universidade, que seria democrática e teria em seu tripé o ensino, pesquisa e extensão. A partir de então percebi o quando aprenderia e como seria importante estar em um local que me proporcionasse adquirir conhecimento sistematizado.

No segundo semestre, entrei em contato com disciplinas que me nortearam no curso, como o Projeto 2 - ministrado pela Dra Livia Borges, em que fomos apresentados a autores e bibliografias essenciais para o curso, e também aspectos específicos do curso de pedagogia, como a história, o currículo e as perspectivas profissionais. A fala da professora sempre muito encantada com a docência e a sala de aula fez com que eu me interessasse mais em estar em sala de aula.

No terceiro semestre, entusiasmada com a ideia da sala de aula, iniciei um estágio em uma escola particular que atende alunos de classe mais favorecida de Brasília, onde auxiliava uma professora em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, alfabetização. Ao me deparar com essa realidade, percebi o quanto estava despreparada para a docência. Não conhecia o método de alfabetização adotado pela escola, que era o método fônico, como também não sabia planejar uma aula, pois essas disciplinas ainda não estavam no fluxo do meu curso. Com todas as dificuldades, me encantei com a alfabetização, pois percebia a alegria de um aluno quando conseguia decodificar uma palavra, a gratidão dos pais quando viam o resultado e também uma gratidão desses alunos, emoções e sentimentos que não tive, pois me foram retirados por uma professora sem sensibilidade. Como iniciei um estágio precocemente, resolvi sair, e me dedicar a faculdade, para aprimorar meu desenvolvimento em sala de aula.

No quarto semestre, sem o estágio, peguei muitos créditos e disciplinas que iriam esclarecer fatos sobre a sala de aula, como Ensino e Aprendizagem da Língua Materna – Ministrada pela Dra Vera Freitas, que nos mostrou que a alfabetização vai além de métodos, canetas vermelhas, e erros ortográficos, mas que existe uma competência linguística em cada aluno, que deve ser respeitada e trabalhada. Foi nessa disciplina que conheci a Sociolinguística, que despertou meu interesse na área e me fez cursar o projeto 3 com essa professora.

O projeto 3 foi norteador, percebi que o professor também pode ser um pesquisador. Produzi uma pesquisa que analisava uma criança e sua produção escrita, um exercício que pode ser feito em sala de aula. Nesse projeto, conheci melhor a sociolinguística e seus benefícios, porém, na prática, não conheci nenhuma escola que trabalhasse com essa vertente teórica.

Para culminar a área de interesse, cursei a disciplina Processos de Alfabetização, ministrada pela professora Dra Alexandra Rodrigues, na qual encontrei uma nova concepção de alfabetização, voltada para o letramento de forma lúdica e agradável. Sempre incentivando o aluno a mergulhar no mundo mágico da leitura e da escrita. Conheci os métodos de alfabetização e suas vertentes teóricas e, então, percebi que gostaria de pesquisar e aprender mais sobre o assunto.

No quinto semestre, retornei ao estágio em sala de aula, com uma bagagem maior das teorias relacionadas com a prática e iniciei meu Projeto 4, tendo como orientadora a Dra Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, que atenciosamente nos orientava para realizar um trabalho de qualidade, sempre nos dando assistência e muito

participativa e preocupada com o desenvolvimento do projeto. Nesse momento, com a orientação da Dra Teresa, resolvemos relacionar o projeto 4 com um tema de afinidade para utilizar o trabalho para auxiliar no projeto 5, então todo meu estágio estava relacionado à alfabetização, em que conheci mais um método para alfabetizar, o método montessoriano, aprendi muito com a realização desse projeto.

Com a disciplina Literatura e Educação, ministrada pela Dra Ana Dilma Almeida, consegui relacionar alfabetização, letramento e literatura, abordando diferentes gêneros literários e como ser trabalhado de maneira lúdica e dinâmica, com grande aporte teórico e prático.

Nos semestres seguintes, conciliando estágio de docência com os estudos universitários e com a ajuda da minha orientadora, inicio o trabalho de conclusão de curso sobre alfabetização que tem como objetivo fazer uma análise do Método Global de Alfabetização, que em toda minha trajetória acadêmica me interessou e por ser uma etapa de fundamental importância na vida das crianças e da família, ou seja, a aquisição da leitura e escrita. Farei uma análise do método de alfabetização de uma escola particular do Distrito Federal visando aspectos gerais desse processo.

Parte II
Monografia

Introdução

A alfabetização sempre foi uma área que despertou meu interesse. Ao entrar em sala de aula, me preocupei por não possuir nenhum conhecimento nessa área, foi o que me instigou a realizar esse trabalho de conclusão de curso.

Em cada escola que tive a oportunidade de conhecer, elas utilizavam métodos diferentes para alfabetizar crianças, desde os métodos sintéticos até os métodos globais e também a escrita livre. Para Carvalho (2011), uma aquarela de métodos é apresentada, sem reflexão, adequação à realidade da criança, e sem relação com os objetivos educacionais. Ao entrar em contato com o Método Global de Alfabetização, outra realidade também desconhecida, fiquei instigada a me aprofundar no assunto, fazendo, assim, um diálogo entre teoria e prática de acordo com a experiência adquirida.

O Método Global de Alfabetização, tão divulgado pelo Movimento Escola Nova, vem trazer uma nova perspectiva, em meados do século XX, em que a fragmentação do conhecimento toma conta das salas de alfabetização.

Diferentemente dos métodos de marcha sintética até então utilizados, o método analítico, sob forte influência da pedagogia norte-americana, baseava-se em princípios didáticos derivados de uma nova concepção — de caráter biopsicofisiológico — da criança, cuja forma de apreensão do mundo era entendida como sincrética. (MORTATTI, 2006. p. 7)

A relevância da pesquisa se apresenta na necessidade empírica de analisar a eficiência de algumas atividades do método global que é utilizado há um determinado tempo na escola, e pouco divulgado e indicado para as turmas de alfabetização. Por se tratar de metodologia para alfabetizar, muitos teóricos defendem a “desmetodização” da alfabetização, criando um ambiente onde o conhecimento possa ser realizado de maneira livre e construído pelos próprios alunos. Ana Teberosky (2003) defende que:

De fato, a perspectiva construtivista requer algo mais que um método. Um dos aspectos que requer é averiguar quais são os componentes efetivos de um processo de aprendizagem construtiva, componentes que são responsáveis tanto pelo

desenvolvimento de conhecimentos como dos resultados escolares. (TEBEROSKY; COLOMER, 2003. p. 77)

Embora seja pouco indicada a não utilização de métodos por alguns autores, esta pesquisa investiga um método específico de alfabetização denominado Método Global de Alfabetização, adotado na instituição de ensino pesquisada.

Para atender as considerações elaboradas anteriormente, estabeleceu-se os seguintes objetivos:

Objetivo Geral:

Elaborar uma reflexão sobre o Método Global de Alfabetização;

Objetivos Específicos:

1- Verificar a proposta da escola para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças;

2 - Identificar as estratégias de aprendizagem de três atividades do método global de alfabetização.

REFERENCIAL TEÓRICO

CAPÍTULO 1.

ALFABETIZAÇÃO

1. Contexto Histórico

O termo *Alfabetização* definido pelo dicionário Aurélio Buarque de Holanda (1910 – 1989) é conceituado por: s.f. Ação de alfabetizar. / Difusão do ensino primário, restrita ao aprendizado da leitura e escrita rudimentar. *Alfabetizar*, no mesmo dicionário significa: v.t. Ensinar a ler e a escrever. / Dar instrução primária. Partindo desses conceitos, alfabetização se refere ao ato de ensinar a ler e a escrever as letras do alfabeto. O *Alfabeto* no dicionário Aurélio significa: s.m. Série de letras usadas na escrita de uma língua. A palavra vem de alpha e beta, as duas primeiras letras do alfabeto grego. A alfabetização passou a ser, portanto, não apenas uma mecanização, memorização, decodificação das letras do alfabeto, mas uma questão a ser discutida a fim de entender esse processo inserido na sociedade ao longo dos anos.

Em termos brasileiros, a alfabetização ganhou um pequeno destaque quando surge a necessidade de organizar e sistematizar o ensino da leitura e da escrita no final do segundo império, em meados de 1885, que segundo Mortatti (2006), as poucas escolas existentes eram precárias, salas adaptadas que abrigavam alunos de todas as séries e, material didático precário. O método que estava sendo realizado nas escolas era o da “marcha sintética” que era um método que vai da parte da palavra para o todo, principalmente o da Soletração.

Com a proclamação da república, em 15 de novembro de 1889 houve uma preocupação com a educação brasileira, ficou evidente que os movimentos de reforma do ensino seriam avaliados e o modelo educacional sofreria mudança para que alcançasse os objetivos do novo regime. Estudiosos como Jardim Silva (1883) e João

Köpke (1883) apud Mortatti (2000), antes mesmo da proclamação da república já problematizavam a educação, especificamente a alfabetização nas escolas brasileiras.

A preocupação em estudar e teorizar a eficiência da alfabetização no Brasil, segundo Mortatti (2000), se enfatizou pela crítica do método tradicional de alfabetização utilizado em 1882, em que o estudioso Silva Jardim questiona a eficiência do método da soletração utilizado nas escolas para a aquisição da leitura e da escrita. Tornando, assim, a alfabetização um objeto de estudo, que defende “uma educação útil, prática e racional e aplica ao estudo dos métodos de ensino o princípio de “consertar melhorando” (MORTATTI, 2000, p. 43).

Partindo de uma vertente positivista, Silva Jardim Apud Mortatti (2000) divulga sua ideia de educação positivista, aplicada especialmente ao ensino da língua materna. Criticava principalmente a educação com vínculo religioso e pregava uma educação para o progresso do povo, que em sua grande maioria era analfabeta. Lutavam por uma educação nacional, e ignorava modelos estrangeiros de ensino. Defendia a utilização de um método específico e a utilização de um livro de leitura brasileiro. No auge da discussão e procura de uma hegemonia para o ensino no país, vários educadores passam a defender determinado método de alfabetização que julgavam melhores. Silva Jardim defendia o método “João de Deus”, contido na “Cartilha Maternal”. O método se baseava na vertente positivista e científica, considerada inovadora na época. A palavração era a base desse método, em que se aprendia primeiramente a palavra partindo da mais simples para mais complexa, considerando a leitura como uma arte, antes ignorada. Ao calor dessas discussões, muitos foram os debates, fazendo assim a criação de cartilhas com outras técnicas de alfabetização, como as “cartilhas de Hilário Ribeiro – Cartilha Nacional (1880), Thomas Paulo – Cartilha da Infância (1880), Felisberto de Carvalho – Primeiro livro de leitura”. (MORTATTI, 2000 p. 53.).

O método fônico já era citado na Cartilha da Infância, porém não vingou, pois não apresentou um resultado satisfatório na época, priorizando os métodos de silabação, palavração e soletração, já quase sem uso. A utilização da cartilha por muito tempo foi um dos norteadores para muitos alfabetizadores no Brasil, que se baseavam nelas para produzir seu trabalho anual e alcançar seus resultados.

As cartilhas são instrumentos didáticos para a alfabetização desde muito tempo, porém sua utilização veio a ser questionada, pois muitas vezes, o ensino da leitura e da escrita se restringia somente a esse recurso, como cita abaixo, Amâncio, 2002, p. 14

Presente desde há muito tempo na prática da alfabetização Barbosa (1990), a cartilha é um recurso didático que foi incorporado ao processo de ensino da leitura e da escrita como algo “natural”. Usada como único recurso ou apenas como material complementar, ela tem sido instrumento indispensável em sala de aula para a grande maioria dos professores.

Porém, para a utilização de determinados métodos, a cartilha servia como um “passo-a-passo” para a alfabetização. A acomodação em ter um recurso didático assim levava à mecanização do processo de alfabetização e restringia completamente a aquisição da leitura e da escrita para a reprodução de letras e palavras com pouco sentido e carregadas de superficialidade. Com o advento da Constituição Federal de 1988 a educação passou a ser universal e direito de todos os cidadãos brasileiros que segundo o artigo 205, será gratuita oferecida pelo poder público, abrangendo a educação básica. No artigo 214 da Constituição Federal de 88, também tem como metas a erradicação do analfabetismo estabelecendo o plano nacional de educação, com duração de dez anos.

Em termos de legislação brasileira a Lei de Diretrizes e Bases para Educação Nacional de 1996 traz consigo a alfabetização como forma de abranger a diversidade cultural, porém a alfabetização só era citada apenas como meta a ser alcançada pelo governo e, até então, nenhum método era indicado pelo ministério da educação como universal, o professor tinha liberdade para escolher qual método seria melhor para o desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula. Porém, os métodos mais utilizados eram os métodos sintéticos, pois eram mais popularizados no país. Estudiosos de outros países, como a Inglaterra, França e Estados Unidos, no fim do século XIX, já experimentavam uma nova metodologia para alfabetização, que em meados de 1920 com movimento Escola Nova vai ganhando força no Brasil trazendo consigo uma inovação em termos de alfabetização: Os métodos Analíticos de alfabetização.

Diante dessa grande repercussão, os métodos ganham destaque a partir de então, surgindo uma acirrada disputa sobre qual método seria o melhor, o que apresenta melhores resultados e os educadores ficam divididos entre os métodos sintéticos e os métodos globais para alfabetizar crianças. No próximo capítulo serão explanadas as

metodologias e seu conceito, fazendo uma distinção entre os tipos de métodos e sua repercussão.

2. METODOS DE ALFABETIZAÇÃO

2.1. Métodos Sintéticos de Alfabetização

Os métodos sintéticos de alfabetização são aqueles que analisam pequenas partes da palavra, estudando suas partes, como a letra posteriormente a sílaba até chegar a palavra. “Esse método foi utilizado por muito tempo no Brasil, oscilando entre a soletração (eme-e-esse = *mes* = te-erre-e = *tre – mestre*)” (MORTATTI, 2000. p. 67), silabação (b-a-bá), e os métodos fônicos, que dão a dimensão sonora das palavras. Aqui, faremos uma breve explanação de cada um dos métodos.

Segundo Carvalho (2011), a soletração era baseada com a carta do ABC, que era um recurso utilizado pelos professores para ensinar a ler que continha listas compostas de sílabas de diferentes padrões silábicos. Porém, não existia nenhuma preocupação em tornar o aluno em um leitor, se restringia a decodificar os padrões silábicos, pela memorização.

O método baseia-se na associação de estímulos visuais e auditivos, valendo-se apenas na memorização como recurso didático – o nome das letras é associado à forma visual, as sílabas são apresentadas de cor e com elas se formam palavras isoladas. Não se dá atenção ao significado, pois as palavras são trabalhadas fora do contexto. Trata-se de processo árido, com poucas possibilidades de despertar o interesse para a leitura, que pressupõe uma separação radical entre alfabetização e letramento. (CARVALHO, p. 22. 2011)

Esse método foi um dos primeiros a ser utilizados no Brasil pelas escolas primárias no século XIX, que foi substituído, em maior número, pela palavrção, divulgada por Silva Jardim apud Mortatti (2000), que tinha o pressuposto de trabalhar a palavra, e não a sílaba em si. Era considerado o único método racional que, ainda nessa época, criticava a superficialidade e mecanização do ensino da leitura presentes na soletração.

A silabação é caracterizada pelo “ba-a-bá = ba-be-bi-bo-bu”, as sílabas são apresentadas por sua familiaridade, porém ainda não consegue distinguir-se da

soletração, pois apresenta um caráter memorizador, trazendo palavras aleatórias e vazias de significados. Citado na Cartilha da Infância mostra-se mais eficaz que a carta do ABC, porém, não apresenta grandes progressos ou mudanças no ensino da leitura e escrita, reproduzindo a superficialidade apresentada na soletração e a desvinculação do letramento conforme nos apresenta Carvalho:

Depois de mostrar as vogais e os ditongos, a Cartilha da Infância apresenta as sílabas va-ve-vi-vo-vu, embaralhando-as nas duas linhas seguintes (ve-va-vo-vu-vi). Seguem-se as palavras formadas de três letras (vai, viu, vou) e finalmente onze vocábulos contendo as sílabas estudadas. Cada lição se completa com algumas frases sem ligação entre si, escritas sem a maiúscula na palavra inicial e sem pontuação: “vó-vó viu a a-ve”, “a a-ve vi-ve e vo-a”, “vo-vô vê o o-vo. E outras do gênero. (CARVALHO, p. 23, 2011)

A silabação também era um método que visava a memorização das sílabas e conseqüentemente da palavra, por meio da repetição e de exercícios cansativos e desprovidos de significados para as crianças. As cartilhas nesse método tinham por característica grande demanda e também eram adotadas por um enorme contingente de Professores e perduraram por um longo tempo na história da alfabetização.

Os métodos Fônicos que foram introduzidos no Brasil, desde o segundo império, conceituam a letra de acordo com sua consciência sonora. A aprendizagem ocorre quando a criança assimila o som da letra ao nome. Carvalho (2011) define que as palavras, além de terem um ou mais significados, são formadas por sons denominados fonemas. Fonemas são unidades mínimas de sons da fala, representados na escrita pelas letras do alfabeto. Portanto, a principal técnica aplicada a esse método é o aprendizado do fonema. Em muitos casos, explica Carvalho, que muitos alfabetizadores não costumam apresentar o nome da letra juntamente com seu som, pois acreditam que possa prejudicar a assimilação do fonema.

Uma das características atuais dos métodos fônicos é que ele pode ser utilizado como um método misto, pois educadores acreditam na importância da aquisição da consciência fonológica. Vários foram os métodos originados da perspectiva som/letra, que foram bem repercutidos no Brasil, e que nos dias atuais ainda se encontram presentes em salas de alfabetização.

Carvalho (2011) define que o Método da Abelhinha formulado por três educadoras em 1965, Alzira. S. Brasil da Silva, Lúcia Marques Pinheiro e Risoleta Ferreira Cardoso, visava a adaptação do método fônico, considerado um *método misto*.

O método era completamente lúdico e trazia instrumentos em que as crianças poderiam se interessar, por se tratar de um personagem animado que indicava historinhas que relacionavam o som da letra, a palavras parecidas, unindo assim, os sons.

Os métodos fônicos foram bem popularizados no Brasil e durante muito tempo tornaram-se um instrumento alfabetizador. A preocupação com a metodização da leitura e da escrita mostra uma grande preocupação que foi questionada durante muito nas salas de aula: A dificuldade das pessoas em aprender a ler e a escrever. Partindo dessa problemática, várias foram as intervenções, muitas delas, até então, valorizando aspectos da sala de aula, baseando-se em métodos que consideravam eficientes ou não, de acordo com o resultado alcançado.

2.2. Métodos Analíticos

Procurando sempre por uma metodologia que mostrasse bons resultados, estudiosos em todo mundo questionavam os fatores inseridos nas metodologias que apresentassem um resultado positivo no maior número de pessoas alfabetizadas. Do século XIX ao início do século XX, movimento da Escola Nova foi ganhando força em parte da Europa e América do Norte, e chega ao Brasil inovando conceitos educacionais e tinha como percussores Anísio Teixeira e Fernando Azevedo e outros, em meados de 1920.

Tinham como pressupostos novas perspectivas que a escola, até então, ignorava como:

Conhecer e respeitar as necessidades e interesses da criança; partir da realidade do aluno e estabelecer relações entre a escola e a vida social são diretrizes do pensamento escolanovista. Métodos ativos – aprender fazendo - ,liberdade para criar e participação da criança no planejamento do ensino são algumas estratégias recomendadas. (CARVALHO, p. 32, 2011)

Como citado, essa nova vertente pedagógica aborda um novo olhar para o processo de ensino e aprendizagem, relação aluno – conhecimento, aluno – professor. A característica dos métodos sintéticos era voltada apenas para o cognitivo, dando preferencia ao processo de memorização para a aquisição da leitura. Não havia pensado em fatores externos, como no exemplo acima, a vida social e a participação ativa da criança nesse processo.

Porém, ainda se pensava na questão da metodização da alfabetização. Os escolanovistas acreditavam que a ineficiência dos métodos sintéticos estava no fato de “fragmentarem” o conhecimento, tornando-o superficial. Então partiram com a teoria oposta a esse modelo, pois pregavam que a alfabetização deveria partir do “todo para as partes”. Os métodos analíticos, também conhecidos como “Métodos Globais”, partiam do conceito de que a criança poderia obter mais informações e assimilar os conhecimentos a partir de textos, histórias e contos que partissem do total. Criticava-se assim, textos coletivos, após o estudo do texto, estudavam a frase, depois a palavra e por fim a sílaba. Segundo Carvalho (2011), baseados na psicologia genética e na Gestalt’, acreditava que as crianças possuíam uma visão globalizada acerca da realidade, portanto, as palavras deveriam ter mais sentido para as crianças, sair do cotidiano delas. Acreditando ser a melhor opção a se adotar, vários foram os métodos globais e seus autores. Um dos mais conhecidos foi o método Ideovisual de Decroly.

Decroly busca em Dewey’ a confirmação de sua opção metodológica. Ambos exigem que o ensino seja apropriado aos interesses da criança e julgam útil iniciar sempre com as mais primitivas necessidades da humanidade em contato com o meio: necessidades de nutrir-se, de vestir-se, de trabalhar em harmonia com a coletividade. (FIEL, p.33. 1983)

Esse método dava atenção para aspectos psicológicos da criança ligados a personalidade, que deveria ser respeitada. O ambiente também deveria ser o que proporcionasse liberdade, atividade e movimento da criança através de jogos e atividades motoras.

Outros métodos globais foram muito conhecidos, Segundo Carvalho (2011) principalmente no Brasil, como o Método Global de Contos, que tem como princípio o ensino do todo para as partes, assim, cria-se um texto ou adota-se um, a partir desse texto, retira-se uma frase de estudo, assim para as palavras dessa frase, e acaba nas sílabas dessa palavra. Uma característica relevante dos métodos globais, é que antes deles, a alfabetização voltava-se apenas para as palavras, e com essa nova vertente, os textos, os livros e as literaturas ganharam uma nova perspectiva, pois eram essenciais para o desenvolvimento do método.

Segundo Carvalho (2011), o método Natural de Frenet também é conhecido pela abordagem que defende a criação de textos livres, que partiriam das crianças e

seriam estudados posteriormente. Defendia também que essa fase de aprendizagem não possuía etapas, se dava de forma natural, de acordo com o que o professor introduzia e do ambiente incentivador.

Com base nas teorias de Decroly, Dewey e Frenet, outros métodos foram criados para a melhor adaptação dos alunos, como o Método Natural de Heloisa Marinho, métodos baseados na linguística ou psicolinguística, e a alfabetização a partir de palavras, que utilizaram o ensino da leitura inteligente para a adaptação metodológica de cada um deles.

Essa nova metodologia trouxe contribuições para o ensino quando aborda questionamentos que antes haviam sido ignorados no ambiente escolar como a questão de como a criança aprende, questão de mecanização do conhecimento e superficialidade. Acrescentou a possibilidade de conceituar uma aprendizagem que fosse menos centrada no cognitivo e na disciplina inserindo jogos e movimento corporal para a sala e o cotidiano das crianças. Porém, a aprendizagem não se restringe a esses fatores, mas a uma série de aspectos interescolares e extraescolares que teóricos posteriores irão apresentar.

2.2.1 - Método Paulo Freire e a Educação de Jovens e Adultos

A alfabetização sempre foi uma questão a ser discutida ao longo de décadas, pois houve uma preocupação com acesso para o conhecimento que se daria por meio dessa etapa tão importante. Porém ao mesmo tempo em que se pensava na importância de alfabetizar as crianças e como esse processo se desenvolveria, um grande número de jovens, adultos e idosos que não possuíam a oportunidade da escolarização inicial encontravam-se analfabetos. Paulo Freire, educador brasileiro, propõe uma nova perspectiva para a alfabetização, porém voltada para jovens e adultos.

A metodologia proposta por Paulo Freire também se classifica como palavração, com a importante diferença que as palavras geradoras (palavras-chave) apresentadas aos adultos analfabetos são pesquisadas no universo vocabular eles próprios; devem estar relacionadas como temas geradores de discussão sobre aspectos da vida política e do Brasil e além disso propiciar a produção de um grande número de palavras novas (pela combinação de sílabas das palavras chave). (CARVALHO, 2011, p. 43,)

Paulo Freire baseava sua obra em um quadro social, econômico e político em que essas pessoas estavam inseridas. Como sociólogo contribuiu com conceitos e termos que hoje são muito utilizados para uma educação crítica e libertadora do povo oprimido. Escreveu vários livros que, também, não eram somente voltados para a educação de jovens e adultos, mas que conceituavam questões sociológicas, históricas e políticas relacionada à educação e a pedagogia.

Em seu livro “Pedagogia da autonomia”, relata saberes que estão relacionados com educador-educando e o conhecimento. Acrescenta que ensinar não se restringe a transferir conhecimento, como uma educação bancária:

É exatamente nesse sentido que ensinar não se esgota no tratamento do objeto com o conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. (FREIRE, 2011, p.20)

A preocupação de Paulo Freire com as questões sociais e com o papel social do educador levou a pedagogia e as metodologias a outro patamar, em que os fatores externos como o econômico e o social interferem na aprendizagem e que devem ser considerados no ato de ensinar. Seu olhar voltado para a educação daquela parte da sociedade que ainda não estava inserida socialmente por não possuir o domínio da língua escrita e falada mostrou um fato importante para a história da alfabetização no Brasil, o grande número de analfabetismo entre jovens e adultos, que, até então, eram pouco citados nas metodologias e teorias. O trabalho voltado para essa maioria desfavorecida acentuou a diminuição nas taxas de analfabetismo no Brasil, pois autoridades e estudiosos pesquisadores passaram a dar uma atenção para essa classe.

Todo histórico das metodologias aplicadas à alfabetização mostrou uma preocupação para a validação de técnicas que se mostravam eficiente ou não para essa etapa de ensino. A tentativa de evitar o fracasso escolar resultou nessa aquarela de métodos, que até então visavam aperfeiçoar as técnicas destacando aspectos cognitivos e metodológicos, não se mostravam suficientes para evitar a dificuldade que a escola apresentava nessa etapa. As investigações nessa área não cessaram e a partir de estudos outras vertentes mais atuais evidenciaram outros aspectos ainda não mencionados para o ensino da leitura e da escrita como a Psicolinguística com a desmetodização da alfabetização e a sociolinguística, considerando fatores sociais na fala dos estudantes.

2.3. A Psicogênese da escrita e a desmetodização da alfabetização

A alfabetização toma rumos diferentes e os resultados dos estudos resultaram em uma nova concepção de alfabetização, a fim de entender como se dava esse processo, questionando as concepções existentes para o ensino da leitura e da escrita. Para Teberoski (2003), os métodos, principalmente os cognitivos (sintéticos), interpretam em si a escrita alfabética como um código de transcrição de fonemas da linguagem.

Os autores dessa posição defendem essa posição distinguem leitura de compreensão. Afirmam que ler não é a mesma coisa que compreender e postulam, ao mesmo tempo, que os subprocessos se aprendem de forma linear.

A aprendizagem começaria por um subprocesso de decodificação automática, que garantiria o conhecimento do código, e logo se passaria à leitura compreensiva e significativa. (TEBEROSKI; COLOMER. p. 94, 2003)

Portanto, os métodos se restringiam, inicialmente, a ensinar o código alfabético, para que as crianças, posteriormente, pudessem decodificá-lo, porém a compreensão da leitura seria a consequência dessa decodificação, que viria depois. Com base nessas observações, Emília Ferreiro (1987), tomando base nos estudos de Piaget e a teoria construtivista, elabora questões relacionadas à alfabetização que não partiria do pressuposto metodológico, porém, “da construção de hipóteses e respostas das crianças a partir de suas experiências com a leitura e a escrita.” (TEBEROSKI, 2003. p. 69)

Para Ferreiro (1987) compreender o desenvolvimento da leitura e escrita a do ponto de vista dos processos de apropriação de um objeto socialmente construído (e não do ponto de vista de transcrição), buscamos ver se havia modos de organização relativamente estáveis que sucediam em certa ordem. Sendo que a aplicação de métodos, restringia a alfabetização para uma mera mecanização do processo, sem sentido real para a criança, que dentro desse processo, apenas reproduz o código alfabético sem compreensão.

Ferreiro e seus colaboradores (2001) trouxeram uma nova perspectiva para a alfabetização. Partiam do conceito de que esse processo se daria na concepção de escrita que as crianças tinham a partir de suas observações reais e cotidianas. A psicogênese da escrita, um dos termos utilizados nessa teoria define que “A invenção da escrita foi um processo histórico de construção de um sistema de representação, não um processo de codificação.” (Ferreiro, 2001. p. 21)

A partir do nome, Ferreiro analisa a escrita de crianças não-escolarizadas e escolarizadas com o objetivo de identificar a gênese das hipóteses criadas por ela e compara sua evolução.

Do ponto de vista construtivo, a escrita infantil segue uma linha de evolução surpreendentemente regular, através de meios culturais, de diversas situações educativas e de diversas línguas. (FERREIRO, 200. p. 10)

A criança se torna assim, construtora do seu processo de alfabetização, “que constrói hipóteses e respostas em função das situações problemas que vai resolver” (TEBEROSK, 2003. p. 97). Considerando, pois, que a criança não é uma tábua rasa, e um receptor de técnicas de leitura e escrita. Com a definição de que sua pesquisa não teve o foco em como se ensina a ler e a escrever, como nos métodos, porém, focou em como se aprende de forma construtiva.

Funda-se uma nova tradição: a desmetodização da alfabetização, decorrente da ênfase de quem aprende e o como aprende a língua escrita (lecto-escritura), tendo-se gerado muitas apropriações a respeito das questões didática e, no limite, tendo criado consenso de que aprendizagem independe do ensino. (MORTATTI, 2012, p.11)

Com o conceito construtivista para o ensino da leitura e da escrita, os métodos de alfabetização foram duramente criticados e questionados pela sua eficiência. Para os construtivistas, Segundo Teberoski (2003), nenhum método é apropriado para o ensino da leitura e da escrita, pois não consideram a criança como construtora do conhecimento, pois possuem uma característica tecnicista, em que o professor domina as técnicas e passa para seus alunos, desconsideram os conhecimentos e contribuições desses para sua aprendizagem. Nesse momento, a Psicogênese da escrita ganha vários adeptos e muitos educadores passam a utilizar esse modelo para alfabetizar as crianças, deixando de lado os métodos tradicionais. Outras vertentes abordariam que os aspectos sociais e econômicos também influenciavam na fala e na escrita das crianças, como na sociolinguística, que se preocupa em considerar esses fatores nas análises da escrita dos alunos.

2.4. O Letramento

O letramento é um conceito muito utilizado na alfabetização, sendo esse o principal motivo para que esses termos (letramento e alfabetização) sejam confundidos ou apresentem a mesma definição. Durante muito tempo, a alfabetização se preocupou em apenas passar o código alfabético, porém não se atentava em inserir o aluno no mundo letrado, de criar o hábito de leitura para compreender e gostar de ler.

Segundo Magda Soares, “no Brasil, os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam, se superpõem e frequentemente se confundem” (SOARES, 2003, p.5). Isto não é bom, pois os processos de alfabetizar e letrar, embora interligados, são específicos, afirma a autora. Alfabetizar é ensinar o código alfabético, letrar é familiarizar o aprendiz com os diversos usos sociais da leitura e escrita. (CARVALHO, 2011, p. 65)

Para as autoras, a pessoa pode ser alfabetizada, mas isso não a torna uma pessoa que terá o gosto pela leitura, em qualquer modalidade. Por muito tempo o Brasil em suas políticas públicas para erradicar o analfabetismo, se preocupava em somente passar o código alfabético, a fim de que a pessoa pudesse no mínimo, escrever seu nome. As consequências dessa política, é que embora decodificando o alfabeto, muitos liam e mal entendiam o que estava escrito, o que resultou em uma nova geração de analfabetos, os analfabetos funcionais.

Uma pessoa alfabetizada conhece o código alfabético, domina as relações grafofônicas, é capaz de ler palavras e textos simples mas não necessariamente é usuário da leitura e da escrita na vida social. (CARVALHO, 2011, p. 65)

O ideal, é que a alfabetização e o letramento sejam trabalhados juntos, para que a criança possa além de dominar o código, seja leitora e ganhe o hábito de ler, para que a aprendizagem possa acontecer de forma integral e plena.

A alfabetização, portanto em seu contexto apresenta uma preocupação que sempre ocorrerá nesse processo, se está sendo efetuada de forma eficaz. Muitos foram os métodos e perspectivas, porém os alfabetizadores continuam com dúvidas acerca de qual metodologia utilizar, ou qual vertente teórica seguir. As dificuldades de

aprendizagem nessa fase ainda são grandes, tanto dos professores em executar atividades para a leitura e escrita, quanto para os alunos, em decodificar o alfabeto.

3. O Ministério da Educação e a Alfabetização.

Em 1999, foi lançado pelo Ministério da Educação - MECo projeto Parâmetros em Ação, que é voltado para a dificuldade encontrada por educadores em exercício para que possam se aperfeiçoar em sua atuação.

A proposta do projeto PARÂMETROS EM AÇÃO tem a intenção de propiciar momentos agradáveis de aprendizagem coletiva e a expectativa de que sejam úteis para aprofundar o estudo dos Referenciais Curriculares elaborados pelo MEC, intensificando o gosto pela construção coletiva do conhecimento pedagógico, favorecendo o desenvolvimento pessoal e profissional dos participantes e, principalmente, criando novas possibilidades de trabalho com os alunos para melhorar a qualidade de suas aprendizagens. (BRASIL, 1999. p. 7)

A proposta visa o aperfeiçoamento de professores das séries iniciais, compreendendo o Ensino Fundamental, 1ª a 4ª série, 5ª a 8ª série. Professores da Educação Infantil, Educação Indígena e Educação de Jovens e adultos. Esse programa destina-se mais para professores alfabetizadores, pois encontra-se uma grande dificuldade para ministrar aulas e atingir os objetivos nessa fase. O Ministério justifica a especificidade como:

A necessidade de aprofundar a discussão sobre propostas didáticas de alfabetização por meio de textos, tantas vezes manifestada por formadores e professores, e o fato de, até o momento, não haver publicações do Ministério da Educação elaboradas especificamente para o trabalho de formação de alfabetizadores[...] (BRASIL, 1999. p. 12)

A necessidade de formar continuamente professores para essa etapa de ensino mostrou-se com um aporte de importância relevada para que se refletisse sobre a prática educacional. Muitos professores se encontram despreparados para assumir a responsabilidade de “alfabetizar”, o que acaba fazendo com que o trabalho desses professores seja voltado a reprodução dos insucessos que tiveram em sua escolarização.

O MEC lança um olhar para a problemática que se acentua no Brasil, que é o alto índice de analfabetismo, seja na primeira infância, jovens e adultos e também no núcleo rural e indígena. A retenção de estudantes nessa fase, ou o avanço dessa dificuldade faz com que segregue uma porção de alunos que não conseguem acompanhar a turma.

O projeto é realizado da seguinte maneira: Cada secretaria de Educação estadual ou municipal escolherá um coordenador para mediar as atividades com o grupo de professores, cada professor que obtém experiência na área irá contribuir significativamente para o relato de experiências no grupo, sendo que a proposta de alfabetização lançada pelo projeto é a “Alfabetização com textos”, Com vídeo aulas, encontros e relatos de experiências, os professores possuem uma carga horária para cumprir e deve estabelecê-la para o grupo. No documento disponibilizado pelo MEC, descreve como se dá cada encontro, como o organizador deve mediar esse encontro e a duração de cada atividade.

Com atividades tendo como base textos motivadores, os professores mediados pelo coordenador Leem e refletem sobre sua prática como alfabetizador. Os textos não estão disponibilizados no documento, apenas o título, o autor e as atividades motivadoras para a interpretação. Também não apresenta nenhum partido para alguma metodologia de alfabetização, sendo, portanto, atividades para incentivar a leitura e produção de textos nas séries iniciais.

3.1. Blocos Iniciais de Alfabetização – BIA

Considerando a alfabetização como um processo que se estende por um período, o Governo do Distrito Federal, baseando-se em conceitos e experiências de outras cidades, lança as Diretrizes do Bloco Inicial de Alfabetização, que impede a retenção do aluno nas três primeiras séries do Ensino Fundamental. O Ministério da Educação Define o BIA como:

[...] uma proposta pedagógica elaborada coletivamente visando a melhoria da educação, propõe o envolvimento da unidade escolar em ações com a participação de todos para a melhoria da educação, visa envolver a unidade escolar em ações sistematizadas que promovam a aprendizagem dos estudantes, por meio da construção de uma educação inclusiva que respeite a diversidade cultural, social, de gênero e de credo. (BRASIL, 2012 p.9)

Para erradicar o número de reprovação nas séries iniciais, o Ministério da Educação define que alfabetização não pode ser dada em apenas uma série, por se tratar

de um processo complexo. Para isso, as três primeiras séries do Ensino Fundamental serão destinadas para esse processo, onde também deverá ser trabalhado as outras áreas de conhecimento como a música, matemática, história, geografia e outras.

Assim, o BIA - Bloco Inicial de Alfabetização - é uma organização escolar em ciclos de aprendizagem que pressupõe mudanças nas concepções de ensino, aprendizagem e avaliação, e, conseqüentemente, na organização do trabalho pedagógico e na formação de seus professores. (BRASIL, 2012 p.14)

Procurando soluções para que o número de evasão nessas séries, o MEC disponibiliza um modelo de educação que estende o processo de alfabetização, para que o aluno possa adquirir as habilidades de um bom leitor ao final do ciclo. Embora o documento não aborda questões metodológicas, ressalta princípios não fragmentação do conhecimento resultados da seriação e também em modelos de avaliação baseados em notas.

A questão metodológica e teórica para a alfabetização se mostra ainda importante para se pensar em vários fatores que envolvem essa fase. Um método não determina o sucesso do trabalho pedagógico, porém os fatores externos do aluno, da realidade da escola e também do professor vão interferir nos resultados. No próximo capítulo será explanado os princípios teóricos e metodológicos dos Métodos Globais de Alfabetização.

CAPÍTULO 2

MÉTODOS GLOBAIS DE ALFABETIZAÇÃO

Os métodos Globais, também conhecidos como método analítico, é a idealização de uma concepção de alfabetização que surgiu como um contraponto para a concepção tradicional sintética desse processo que era restrita aos métodos sintéticos de alfabetização, principalmente no início do século XX. Com a crítica da superficialidade do método sintético, adeptos do método global defendiam a necessidade de um método voltado para a criança e para a dificuldade que ela apresentava nessa fase.

Segundo Feil (1983), Nicolas Adams (1780) foi um dos precursores dessa metodologia, que em meados do século XVIII, lançava os princípios que o método global iria sustentar. Adams também acreditava que a aprendizagem deveria estar relacionada com o cotidiano das crianças, partindo de palavras que eram conhecidas da realidade do aluno. Segundo Barbosa (1994) Adams propunha que se escrevessem palavras significativas para criança em pedaços de papel, de diferentes formatos, e com uma pequena ajuda, logo a criança seria capaz de reconhecer as palavras rapidamente. Depois de um tempo, escrever as palavras em formato de papeis diferentes, porém dessa vez sem ajuda, a criança assimilaria a palavra sem relacionar com o formato do papel, mas já reconheceria diretamente essas palavras. Para defender a sua proposta de iniciar do todo para as partes, dizia que:

Quando se quer mostrar um casaco para a criança, não se começa dizendo e mostrando separadamente a gola, depois os bolsos, os botões, a manga do casaco. O que se faz é mostrar o casaco para dizer para a criança: “isto é um casaco”.
(BARBOSA, 1994. p. 50)

Portanto, surge assim, um dos primeiros conceitos do método global, partir do todo para as partes. O autor acreditava, segundo Barbosa (1994) que apresentando para a criança partes fragmentadas da palavra, perderia todo o sentido da leitura da palavra.

Porém se mostrasse do todo para as partes, a criança desde o início assimilaria o sentido, não tornando superficial a aprendizagem, que se restringia apenas para a decodificação alfabética.

Posteriormente, Jacotot (apud Feil, 1983) lança novas propostas para essa nova concepção, defendendo que não somente o modelo do método deveria partir da palavra para a sílaba, porém da frase inteira, com uma ideia de globalização.

Globalização, segundo Jacotot, não se limitava a palavra. Ele vai além, afirmando que a alfabetização deve partir de uma frase. Lança-se a frase (pois é ela o verdadeiro sentido da ideia) e analisa junto às crianças os elementos, destacando o mais importante, passando da análise para a síntese. (FEIL, 1983. p. 31)

Porém nesse momento, essa nova perspectiva de aprendizagem não ganhou adeptos. Poucos aceitavam essa concepção e os tradicionalistas julgavam que essa não era a melhor maneira de se alfabetizar, que no entanto, acreditava na concepção contrária a do método sintético. Por não possuir nenhuma base teórica e poucos adeptos, esse método ficou estagnado por um longo tempo. Um século depois, com a Psicologia da Gestalt, ou da forma, os princípios que Adams e Jacotot defendiam ganham uma carga teórica e crítica para desencadear a substituição do método sintético em vários países ocidentais. A psicologia do início do século XX, portanto, trouxe grandes contribuições para que métodos modernos fossem desenvolvidos, e o método global e a psicologia da Gestalt passam a defender uma educação que rompesse com o tradicionalismo existente.

A psicologia da Gestalt ou psicologia da forma, segundo Carvalho (2011), “fundamenta-se no princípio da qual a criança tem uma visão sincrética (ou globalizada) da realidade, ou seja, tende a perceber o todo, o conjunto, antes de captar os detalhes.” Essa nova concepção teórica acerca da aprendizagem incorporada pelo método global tem como referência a percepção e não reprodução do conhecimento quebrando o tradicionalismo do modelo anterior.

Segundo Barros (1988), a *Gestalt* é representada pelos alemães Wertheimer, Koffka e Köhler, e para os representantes da corrente *Gestáltica* (psicologia da forma) a atividade e o

comportamento do sujeito são determinados de acordo com o modo pelo qual vê e compreende a estrutura dos elementos da situação problema. Para Koffka a percepção e pensamento não podem ser reduzidos a um acúmulo de sensações ou associações individuais mas, são determinadas pela estrutura global. (SILVA, 2000. p. 27)

O método Global, desde seus primeiros idealizadores, já buscavam essa concepção total e não fragmentada da alfabetização, e a psicologia da Gestalt veio ressaltar a ideia de totalidade. Na Gestalt, “a psicologia deve estudar o significado, e este não é divisível em elementos mais simples. Por isso, as unidades de análise devem ser totalizadas, significativas.” (POZO, 1998. p. 171)

A Gestalt relacionada à aprendizagem dava mais ênfase a compreensão do que para o acúmulo de conhecimentos. Assim como o método global que procurava dar mais ênfase a compreensão textual do que a decodificação do código alfabético.

Baseados nos princípios da psicologia do pensamento e da aprendizagem, a Gestalt se preocupava em diferenciar o pensamento reprodutivo do pensamento produtivo. A aprendizagem se dava a partir de quatro etapas, a gradação, diferenciação, assimilação e redefinição.

A aprendizagem por **gradação** implica em estabelecer um relacionamento sucessivo entre as várias partes de algo percebido. Köhler, em seus experimentos, demonstrou que o aluno quando do início de sua aprendizagem, percebe a forma total, a *Gestalt* das coisas. (SILVA, 2000. p. 30)

Esse conceito explica o primeiro princípio do método Global, que é retirar da frase as partes para serem analisadas, não fragmentando a aprendizagem, que no entanto, apresenta partes soltas das palavras o que não produz significado e sentido para a criança. A segunda etapa, a **diferenciação** se faz dentro do objeto estudado, destacar as partes que estão sendo analisadas, como por exemplo, dentro da frase, destacar a palavra analisada e colocar em outros contextos.

Este princípio é chamado de *princípio da unidade dentro da variedade de diferentes situações*, sendo uma condição de extrema importância para que se diferencie um elemento entre os demais. Como exemplo, pode-se apresentar no início da

aprendizagem uma mesma palavra em várias frases de modo que a mesma se destaque. (SILVA, 2000. p. 32)

Nas outras duas etapas, a assimilação e redefinição vão trabalhar os outros múltiplos aspectos do objeto estudado. Na **redefinição** a aprendizagem “consiste em perceber um mesmo estímulo de modo inteiramente novo ,segundo a situação total ou a forma que ele se apresenta, sua posição em relação aos demais estímulos” (Silva, 2000, p. 32). Ou seja, se o objeto apresentado possui outras funções, em outros contextos. No caso da alfabetização, apresentando a letra “X”, referenciar suas múltiplas funções, como na matemática sendo uma representação de incógnita, na biologia como representação de alelos e cromossomos.

O processo de **assimilação** segue ao de diferenciação, onde uma parte da situação total é destacada pelo processo de diferenciação, tornando-se figura. Esta figura pode se reunir às outras, constituindo novas estruturas pelo processo de assimilação. (SILVA, 2000. p. 33)

Ainda segundo Silva (2000) na assimilação, a construção de novos objetos a partir do objeto estudado faz referência a construção de novos conceitos. Na alfabetização seguiria como o padrão da sílaba “Ba” pode ser utilizado para formar outras palavras e variando também sua vogal. Todas essas etapas foram incorporadas aos princípios do método global de alfabetização, que antes da psicologia da Gestalt não possuía teoricamente embasamentos para a defesa da mudança e substituição dos métodos sintéticos para os métodos globais de alfabetização. Para que a mudança metodológica ganhasse força com a base teórica em destaque, o movimento da Escola Nova passou a divulgar e defender o método global para uma educação não tradicionalista.

2. O movimento escola nova e o método global.

O movimento “Escola Nova” surgiu da necessidade de uma reforma geral do ensino e das escolas e tem suas raízes ainda no século XIX, quando estudiosos e críticos lançaram reflexões acerca do modelo tradicional de educação em todo mundo. Com o crescimento desordenado de escolas primárias, surge a problemática da qualidade educacional tanto dos profissionais quanto do modelo vigente para a mudança e reforma

do ensino. Para Lourenço Filho (1978), as raízes da escola nova estavam relacionadas aos movimentos históricos que aconteceram em parte da Europa e no mundo com as grandes guerras mundiais. “O ensino passava a ser visto como instrumento de construção e prática social” (LOURENÇO FILHO, 1978. p. 23), havia uma necessidade de um conhecimento que abrangesse toda a complexidade do homem em sociedade, respeitando a sua singularidade e incluindo-o como ser social. Algumas áreas científicas colaboraram para que as bases teóricas dessa reforma tomassem um rumo científico, como a contribuição da psicologia, biologia, antropologia e outras áreas. “As primeiras escolas novas, com esse título expresso, surgiram em instituições da Inglaterra, França, Suíça, Polônia, Hungria e outros países depois de 1880” (LOURENÇO FILHO, 1978. p. 24). Com o fim da primeira guerra mundial, o movimento logo se expandiu para os continentes da América e Ásia.

Na V Conferência Mundial da Escola Nova, reunida em Elsenauer, na Dinamarca, em 1929, assim se assinalavam as conquistas gerais do movimento: renovação da didática com múltiplos ensaios de ensino ativo; melhor formulação teórica de princípios e normas para a avaliação dos resultados do trabalho escolar; extensão do movimento no ensino público; criação de grandes associações de educadores com caráter nacional e internacional; confronto de várias concepções filosóficas com os princípios e resultados do movimento; conceituação geral da educação como ajustamento da personalidade e, face a vida social modificada pela industrialização; e enfim, proposição de todas as formas educativas no sentido da paz, dando-lhe especial atenção a esse ponto também na formação da personalidade dos educadores, sem dúvida princípio de toda e qualquer reforma bem concebida. (LOURENÇO FILHO, 1978. p. 26)

Como dito acima, o movimento escola nova trazia consigo uma forte base teórica que colocava questões educativas em relação ao ensino, didática, aprendizagem e com a preocupação social dos efeitos que a industrialização e as guerras refletiam na educação. A quebra do tradicionalismo educacional era a maior luta dos escolanovistas.

John Dewey foi um filósofo que trouxe grandes contribuições para os estudos da escola nova. Dewey defendia que a criança deveria ter liberdade para se expressar, educando como um todo, valorizando todos os aspectos da criança. Para Dewey (apud Ana Mae s.d), a escola tradicional considerava a criança apenas um receptor do conhecimento já pronto, que era moldada para tal fim. Portanto dizia que:

Aprender envolve um processo ativo de assimilação orgânica, iniciado internamente. De sorte que, literalmente, devemos partir da criança e nos dirigimos por ela. A quantidade e a qualidade do ensino, a criança é quem determina e não a disciplina a estudar. (Dewey,1978. Apud ANA MAE, s.d. p. 28)

Em relação à disciplina corporal exigida pelos professores a seus alunos Dewey também se posiciona defendendo que o movimento é necessário para que a aprendizagem aconteça de forma integral. No Brasil, o movimento Escola Nova ganhou força após a Revolução de 1930, e criticava fortemente o vínculo da escola com a igreja, defendendo uma educação laica, livre de vínculos religiosos.

A introdução do ensino religioso foi duramente criticada pelo movimento educacional da Escola Nova, pois feriam os princípios de liberdade individual e da comunhão harmoniosa e afetiva entre as pessoas defendida por estes. Além destes, outros segmentos da sociedade como os grupos protestantes, positivistas entre outros, também se manifestaram contra a inclusão desta disciplina no currículo das escolas. (PARDIM, s.d, p. 9)

Encontrando resistências para que seus ideais fossem atendidos, os escolanovistas fazem o Manifesto dos pioneiros da nova educação. “ Segundo Lamego (1996), esse manifesto “abordava temas como o movimento de renovação, as sucessivas reformas, a laicidade do ensino, a Universidade, o Estado e sua responsabilidade com as futuras gerações, e sobretudo a democracia.” (PARDIM, s.d, p. 9). Entre os autores e defensores da Escola Nova, estavam os educadores como Anísio Teixeira, Carneiro Leão, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e outros. Segundo Carvalho (2011), a Escola Nova “ trouxe uma inovação importante para os alfabetizadores: a defesa dos Métodos Globais” (CARVALHO, 2011. p. 32)

Com o movimento da escola nova a todo vapor em diversos países, vários foram os ensaios e novas metodologias que surgiram para a qualidade de ensino. Dentre eles, diversos estudiosos e educadores muito conhecidos que colaboraram com reflexões e práticas para a sala de aula, como Edouard Claparède , Ovide Decroly, Maria Montessori, Freinet, Enerst Renan e outros.

Todos deram sua contribuição para o aprofundamento e enriquecimento dos Métodos Globais. Entre estes Decroly e Freinet foram os que mais esforços fizeram, de forma prática, adaptando o ensino da leitura e da escrita à nova corrente. (FEIL, 1983, p. 32)

Ovide Decroly apud Feil (1983) contribuiu de forma significativa para os métodos globais, propõe uma nova estrutura e problematiza o ensino da leitura para uma nova perspectiva e foi um dos métodos globais mais conhecidos. Criticava a fragmentação do conhecimento, e defendia que o ensino deveria ser organizado por centros de interesses.

Embora com formação em medicina, na Bélgica, Decroly trabalhou com crianças com deficiência e suas dificuldades no desenvolvimento cognitivo, então resolveu estudar a fundo como se desenvolvia essas crianças. Segundo Lourenço Filho (1978) Ovide Decroly recebeu um prêmio de viagem que lhe permitiu aperfeiçoar os estudos na universidade de Berlim e, depois, em Paris. Após esse período volta para Bélgica e inicia seus estudos com crianças com deficiência, fundando assim, em 1901 o “*instituto para retardados e anormais*”. Após sete anos, inicia seu ensaio dos resultados com crianças sem deficiência onde fundou em Bruxelas a escola de *l’Ermitage*.

Tinha como base teórica os conceitos de John Dewey e Rousseau, acreditava que a educação deveria aproximar a escola da vida da criança, desconsiderando a fragmentação do conhecimento e descontextualização dos conteúdos. Por meio de jogos e brincadeiras, principalmente com o movimento corporal, Decroly defendia que a aprendizagem não se dava a partir de corpos estáticos e disciplinados.

As bases de sua filosofia de educação podem ser encontradas em Rousseau e suas ideias são muito próximas de John Dewey, Kilpratick e Clararède e outros adeptos da escola nova: respeito à personalidade da criança, a seus interesses, a seu ritmo natural e modos peculiares de ver o mundo. Como os demais escolanovistas, pregava a importância da atividade, da ação e da cooperação. (DECROLY, 1929. In CARVALHO, 2011, p. 35)

2.1. Tipos de métodos Globais de Alfabetização

Método Ideovisual de Ovide Decroly

“Seu método era determinado segundo uma classificação prévia dos alunos, que deveriam criar maior homogeneidade nas classes, maior rendimento no ensino.”

(LOURENÇO FILHO, 1978. p. 189). As crianças então seriam divididas em “sistemas de classes paralelas”, para crianças com desenvolvimento mental adiantado ou atrasado. As com deficiência deveriam ficar em classes separada das demais crianças.

A mudança no programa escolar em relação aos conteúdos também era necessária, pois, para o autor, os conteúdos deveriam estar relacionados às áreas de interesses dos alunos, e também contextualizados com a vida e todos seus aspectos. Segundo LOURENÇO FILHO (1978), o padrão de um programa de ideias associadas concebidas como: a) Conhecimento pela criança, de suas necessidades; b) Conhecimento do meio; Todas incluindo conteúdos relacionados ao cotidiano das crianças, por exemplo: necessidade de ser alimentar, respirar, a relação entre a criança e a família e etc.

A partir dessa seleção em classes, o trabalho escolar era dividido em “Centros de Interesse em que a criança, em cada assunto, percorra sucessivamente três grandes fases do pensamento: observação, associação, expressão.” (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 191). Esse era seu princípio de Globalização.

A globalização é a única via de aprendizagem. A criança não percebe fatos isolados, e nem percebe a coisa em seus detalhes, mas na sua totalidade, por isso não concebe uma educação dividida. (FEIL, 1983. p. 37)

Em seu conceito de globalização, Decroly deixa claro que o ensino está interligado, e que não existe a necessidade de segregação e separação de conhecimento. A partir de uma aula sobre a palavra água, dá-se para retirar vários conceitos sobre as funções da água em seus diversos aspectos, como o biológico para o nosso corpo, os estados físicos da água, o ciclo da água e também a sílaba “gua”. É nesse princípio que se baseava a concepção de visão total da realidade.

Para o ensino de leitura, Decroly (apud Lourenço Filho, 1978) denominava seu método de Ideovisual, que trabalhava não apenas com a parte gráfica e a parte fônica da palavra, porém com toda a informação que a palavra ou frase pode proporcionar. O método ideovisual de alfabetização:

Fundamenta sua proposta através da prática. Geralmente quando a criança aprende a ler, a compreensão dos sinais gráficos, a

expressão verbal a associação dos sons e sua representação gráfica, a expressão escrita e a ortografia desses sinais se formam um único todo (FEIL, 1983. p. 38)

Ainda segundo Feil (1983), a leitura compreende diferentes funções: 1) Função visual e verbal; 2) Função auditiva; 3) função motora da linguagem ou da escrita; 4) uma função superior para a interpretação; O método se preocupa em englobar todos os recursos que o ensino das palavras pode proporcionar, destacando todos os aspectos da palavra e sua colocação em um contexto real, visando a leitura e interpretação inteligente do todo e não apenas sua decodificação.

Decroly entendia a leitura como inseparável das atividades de expressão, de observação e de criação. Em colaboração com uma professora primária, experimentou um método de aprendizagem de leitura que punha em jogo o que chamava “função de globalização”.

[...] O aluno reconhecia a forma, o desenho total, a imagem gráfica da frase. Em seguida aprendia a distinguir as palavras, por meio da observação de semelhanças e diferenças entre elas; em seguida as sílabas, depois as letras. Esse foi o método ideovisual criado pelo autor. (CARVALHO, 2011. p. 37)

Os jogos educativos também faziam parte do cotidiano das crianças em fase de alfabetização, que serviam para a discriminação visual, porém todos como um “fragmento do sistema, e para aplicação de casos indicados, tanto quanto os processos ideovisuais da leitura e da escrita, não devem ser tomados como essência do método”. (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 197).

2.1.1. Método Global de contos

Esse método foi um dos primeiros dos métodos globais a ser utilizado, porém começou a ser aplicado somente no fim do século XIX. Segundo Carvalho (2011), o método se baseia na construção de textos, contos, ou histórias já conhecidas. Após a apresentação total do texto, é desmembrado uma frase, que será repetida várias vezes. O estudo da frase resultara no estudo das palavras e depois nas sílabas e a composição de novas palavras com as sílabas estudadas. “O processo envolve análise das partes maiores (o texto, as frases) para chegar às partes menores (palavras e sílabas), por isso o método global é também conhecido como *analítico*” (CARVALHO, 2011. p. 33)

Embora muito bem divulgado pelo movimento Nova Escola, esse método foi pouco utilizado nas escolas no Brasil, por possuir poucos professores que sabiam como utilizá-lo e assim, trazer um bom resultado.

2.1.3. A metodologia de base linguística ou psicolinguística

Defendendo os ideais dos métodos globais, essa vertente trouxe uma perspectiva que acredita na competência linguística de cada criança, que sugerem frases para as análises e vão substituindo o objeto direto por outro diferente, modificando a sentença. O modelo desse método segundo Carvalho (2011) deve atender três critérios: 1) Critério de dificuldade, iniciando palavras que contenha consoantes que tenham relacionados letra-som, e padrões silábicos; 2) Critério de alternância, entre o fácil e o difícil onde as dificuldades ortográficas sejam introduzidas apenas no final; 3) Critério de produtividade, a partir da palavra chave estudada e desmembrada em sílabas, formar novas palavras com outros padrões silábicos.

2.1.4. Método Natural de Frenet

O educador Francês, tinha como base teórica os conceitos de Decroly sobre um ensino globalizado, que condenava severamente as cartilhas, pois acreditava que o conhecimento partia da criança, e sendo assim seria impossível padronizá-lo para a um todo. Partia portanto de textos livres, produzidos e escritos pelas próprias crianças, manualmente.

Pelo método natural, a criança consegue ler, sem lição especial, e sem o b a bá, pela vida, pelo meio escolar, e social, servida e refletida pela imprensa, pela correspondência, pelo desenho, e pela expressão sob todas as formas. Suprimimos assim as fastidiosas sessões de repetição que os educadores usam tanto com os alunos, dominamos o sentimento de impotência da criança que aprende muito cedo a traduzir em textos impressos seu próprio pensamento. (FRENET, 1977 p. 57 in CARVALHO, 2011. p . 37)

O autor acreditava que a criança aprende a leitura e a escrita quando está em contato com esse meio, seja verbalizado por meio de histórias, contos, ou escrito, por meio da produção livre e manual das crianças. O método não possui etapas, assim como

os outros, pois esse contato é dado de forma natural e gradual, assim a criança vai se familiarizando cada vez mais com o mundo letrado.

2.1.5. Método Paulo Freire

Embora segundo Carvalho (2011) também classificada como palavração, o método Paulo Freire é considerado um método Global pois trabalha não com o aspecto da decodificação e codificação da língua, mas procura contextualizar com a experiência de Jovens e Adultos Analfabetos, criando assim, do vocabulário popular deles, as “palavras geradoras”. Paulo Freire também se preocupava como esse sujeito se reconhecia socialmente com seus deveres de cidadão ativo e crítico. Portanto essas palavras estariam relacionadas com conteúdos políticos, econômicos, culturais que o ele está inserido.

Freire afirmava que o analfabeto adulto, embora não tivesse instrução escolar, participava do mundo do trabalho e da cultura e possuía um legado de experiência e conhecimento do mundo. (CARVALHO, 2011, p. 44)

Freire também se preocupava com a posição do professor, que não deveria agir arbitrariamente, ditando o que o aluno deve ou não fazer, porém, deveria agir como um coordenador, que media e organiza o ambiente e as discussões produzidas a partir do trabalho em sala de aula.

2.1.6. Etapas de uma unidade

Esse método global se assemelha com o método de contos, por possuir praticamente a mesma estrutura, porém nesse em questão, a unidade do todo é a qual será analisada, e é importante o conhecimento prévio dessa unidade para poder articular com outros conteúdos e atividades.

Para Vilas Boas (1994), a alfabetização fragmentada em sílabas e palavras empobrece a variedade linguística relacionada ao significado das palavras. “Significado não pode ser algo que vem depois. Importa considera-lo desde o início e durante todo o processo , estimulando o alfabetizando a uma permanente predisposição à busca de significações.” (VILAS BOAS, 1994. p. 15)

Sendo assim, a frase deve ser ponto de partida para a alfabetização, em uma dimensão concreta e contextualizada, pois é nela que se encontram todo o nível de análise da pesquisa, portanto, a partir dessas frases, e da escolha da palavra-chave, dá-se o início do processo de alfabetização.

Esse processo é dividido em unidade, onde unidade é definido por:

Um conjunto de etapas desenvolvidas a partir de um TEMA produzido e vivenciado pelas crianças. Dele se parte para a seleção dos enunciados e palavras-chave a serem analisados na unidade. Embora todas as unidades do processo sejam constituídas das mesmas etapas, a cada unidade, um novo tema, novo enunciado, novas palavras-chave. (VILAS BOAS, 1998.p. 19)

As unidades são divididas em etapas, em que o trabalho do professor será direcionar os recursos para montar o seu material didático para a unidade.

Segundo Villas Boas (1994. p.20), as etapas são as seguintes;

- 1º etapa – Produção do tema pelas crianças a partir de situações criadas pelo professor ou sugeridas espontaneamente na sala de aula.
- 2º etapa – Escolha da(s) frase(s) e palavras-chave, atendendo aos critérios estabelecidos da complexidade, produtividade e alternância entre o fácil e o difícil.
- 3º etapa – Registro da frase selecionada no quadro, usando a letra tipo script ou o bastão.
- 4º etapa – Leitura natural ou fluente, pronunciando as palavras naturalmente, isto é, lendo como se fala.
- 5º etapa- Análise da frase como um todo, através de operações sintáticas e orais.
- 6º etapa – Reconhecimento das palavras-chave em novos contextos, percebendo seus múltiplos sentidos, dependendo dos contextos que se encontram.
- 7º etapa – Descoberta de semelhanças e diferenças, visuais e auditivas entre as palavras.
- 8º etapa - Formação de novas palavras, pela recombinação das sílabas e fonemas que constituem as palavras-chave.
- 9º etapa – Produção oral e escrita de novas frases, novos textos, utilizando as palavras formadas, desenvolvendo seu desempenho na leitura e na escrita.

Os processos seguintes dessa etapação, em que a frase é analisada, posteriormente a palavra e a sílaba, seguem dois outros conceitos para a sua aplicação.

A autora define como a montagem do Paradigma da palavra e a depreensão. Para a montagem do Paradigma a autora define que:

Montagem do paradigma, através da produção, por parte dos alunos, de palavras que apresentem semelhanças e diferenças em relação à palavra-chave. Nas atividades orais e coletivas, os alunos produzem palavras e o professor escrevê-las em coluna, no quadro, de modo que as sílabas ou os fonemas comuns, a serem destacados por eles, fiquem na mesma direção. (VILLAS BOAS, 1994.p. 21)

Sendo assim, uma construção coletiva, algumas palavras são escolhidas para a montagem do paradigma, já que todos da turma contribuem, porém todas as palavras são utilizadas para que seja evidenciado suas semelhanças e diferenças. Pose-se utilizar também desenhos para ilustrar as palavras, tornando mais fácil a assimilação daquilo que é estudado.

Para a definição de Depreensão da sílaba, Villas Boas (1994) define que:

Depreensão dos fonemas, pelo jogo das diferenças e semelhanças entre as palavras (comutação de vogais e consoantes), sem desvinculá-las do contexto onde ocorrem funcionalmente. A criança descobre a diferença entre os fonemas, verifica o efeito desta diferença no plano do conteúdo e forma novas palavras, jogando com esta diferença, em outros contextos, descobrindo que ela pode distinguir outros significados. (VILLAS BOAS, 1994.p. 21)

Essas etapas descrevem como se dá o processo de alfabetização na escola pesquisada, que utiliza os conceitos acima mencionados para a realização do trabalho em sala de aula, que após o término do estudo da etapa de uma unidade, essa se repete a longo do ano seguindo o critério de complexidade das palavras apresentadas. Em seguida, serão apresentados alguns aspectos da Pedagogia Logosófica, que é adotado pela escola para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem de acordo com os conceitos de valores morais e cultivo desses para o crescimento pessoal do aluno.

3. A Pedagogia Logosófica

A logosofia se define como ciência em prol da superação humana para trabalhar as deficiências internas que interferem na atuação do homem nos vários setores da sua vida.

Seu nome reúne uma só palavra os elementos gregos *logos* e *sofia*, que o autor adotou dando-lhes a significação de verbo criador ou manifestação do saber supremo, e ciência original ou sabedoria, respectivamente, para designar uma nova linha de conhecimentos, uma doutrina, um método e uma técnica que lhes são eminentemente próprios. (PECOTCHE, 2000. p.15)

A Logosofia como ciência permite que o homem possa trabalhar suas deficiências, tornando-se assim, melhor a cada dia. Seu criador, Gonzalez Pecotche nasceu em Buenos Aires, Argentina em 11 de agosto de 1901 e faleceu na mesma cidade, em 4 de abril de 1963. Em 1930, com 29 anos, criou a primeira sede da Fundação Logosófica e mais tarde, em 1962, criou o primeiro Colégio Logosófico.

A ciência Logosófica, segundo Gonzalez Pecotche (2008) tem como principal fim o conhecimento de sobre si e do seu mundo interior, que é composto pelo sistema mental, sensível e instintivo, e tem como objetivo a evolução consciente do homem, mediante a organização de seus sistemas internos. Também tem como objetivo a integração do espírito, para que o sujeito possa aproveitar os valores que lhe pertencem, originados em sua própria herança.

O aperfeiçoamento deve ser integral; deve abarcar o ser e a vida sem exclusão de nenhuma natureza. A isso conduzem os conhecimentos logosóficos, ensinando de que forma, como e quando devem ser eliminados os defeitos e as deficiências, em cuja incumbência se experimentará grande alívio psicológico e moral, ao mesmo tempo em que a vida adquirirá novos coloridos, ao emancipar-se de peso tão torturante. (PECOTCHE. p. 301)

A ciência Logosófica, portanto, trabalha com o interior do homem, buscando aperfeiçoar suas atuações com correções das suas deficiências. Tudo surge em seu mundo mental, onde os pensamentos são gerados originando conseqüentemente, uma ação em relação ao pensamento. Os adeptos acreditam que existe uma grande diferença entre a *função de pensar* e o *conhecimento dos pensamentos*, que é definido por:

A função de pensar indica que um pensamento vai ser emitido, um pensamento que nascerá da própria vida, que conterà a representação do que cada um é ou sabe. Por outro lado, quando se faz uso dos pensamentos que já estão na mente, parece que o ser está pensando, que está elaborando seus pensamentos, mas não é assim. Este é tão somente um ato da memória, confundindo-se a função de recordar com a função do pensar. Os pensamentos que estão dentro da mente – sejam alheios ou próprios – não se apresentam com rapidez com que sua presença é solicitada, por estarem escondidos em alguma de suas reentrâncias. Para atraí-los visando a servir-lhes deles, se requer um esforço: o esforço de recordar. Nesse instante, a maioria acredita que pensa, mas somente recorda. (PECOTCHE, 2011 p. 385)

Portanto, quando corrigimos a atuação de algumas crianças, não dizemos que ela está fazendo algo errado ou correto, porém que teve um pensamento ruim e que deixou esse pensamento atuar por ela, que deve ser valente para que esse pensamento não a controle novamente. A flexibilidade que nos traz a ideia de pensamento auxilia no trabalho pedagógico a partir de que uma criança não será taxada como ruim sem modificações, mas que ela tem a oportunidade de mudar a conduta. Nasce, portanto a necessidade de atuar como uma linha de ensino-aprendizagem Logosófica, sendo ela, a pedagogia Logosófica, que tem como finalidade:

[...] a formação biopsicoespiritual do educando, tendo em vista o desenvolvimento natural de sua vida consciente. Com base no método psicodinâmico dado a conhecer pela Logosofia, propicia o cumprimento dos dois fins da existência do homem: evoluir para a perfeição e constituir-se num verdadeiro servidor da humanidade. (...)

. Na turma de alfabetização esses conceitos se encontram fortemente utilizados na rotina da professora, que, ao conciliar a visão sincrética, global do método de alfabetização, cria analogias a partir das frases e palavras estudadas ao decorrer do ano.

As características da Pedagogia Logosófica conciliam com o método Global a partir do conceito em que a Globalização permite que o estudo de algo possa se ampliar e gerar novos conhecimentos. As palavras estudadas carregam os conceitos logosóficos, em que a professora consegue criar analogias atendendo os dois objetivos. As reflexões entre a teoria e a prática da alfabetização serão culminadas nas análises das atividades que serão apresentadas em seguida.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a realização da pesquisa é a pesquisa participante, sendo que a pesquisadora participa como agente ativo do campo observado, e um estudo exploratório baseado na observação das atividades realizadas de acordo com o método global de alfabetização e a eficiência de suas atividades.

A pesquisa participante, segundo Gil (2008) se caracteriza pela participação direta do pesquisador no campo pesquisado que com base empírica procurará respostas para seu questionamento inicial. A pesquisa participante “[...] É a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior” (FALS Borda apud GIL, 2008 p. 49). Utilizando o aporte teórico dessa metodologia, a pesquisa realizada procura atuar juntamente com os membros do grupo, sendo que uma das características da pesquisa participante é o envolvimento do pesquisador com o meio, que o faz integrante e parte desse, criando uma identificação com o meio pesquisado. Não apenas observando, mas participando das rotinas e cultura, se relacionando diretamente com o campo.

Assim, o relacionamento entre o pesquisador e o pesquisado não se dá como mera observação do primeiro com o segundo, mas ambos acabam “se identificando”, sobretudo quando os objetos são sujeitos sociais também, que permite desfazer a ideia de objeto que caberia apenas nas ciências naturais” (Demo, 1984. apud GIL, 2008. p. 49)

Conhecer o meio estudado se mostra um fator importante na análise dos resultados, também no acesso as diversas informações que podem ser adquiridas sem maior dificuldade e também contribui para a inibição de comportamentos moldados pela presença de um estranho, porém agem com naturalidade, pois já consideram o pesquisador como membro do grupo. A relevância dentro da educação de se formar professores-pesquisadores surge da necessidade de problematizar teoricamente as dificuldades que já é familiar aos professores e contribui para sua prática docente.

Na pesquisa em educação, temos encontrado um bom número de pesquisadores desse tipo justamente porque um número cada vez maior de professores exerce a pesquisa como condição de sua atividade pedagógica. (ULBRA, 2008.p. 45)

A pesquisa realizada pode ser caracterizada também de pesquisa qualitativa, pois não se tem o interesse em quantificar os dados baseados na objetividade dos resultados, porém analisar como se dão as realizações das atividades de um grupo em uma sala de aula de alfabetização, considerando todos os fatores, tanto econômicos, sociais e culturais.

Portanto, a pesquisa qualitativa se caracteriza por considerar fatores externos e subjetivos na realização da pesquisa, sendo que;

A pesquisa qualitativa comumente apresenta-se como uma tentativa de compreensão detalhada dos significados e das características situacionais evidenciadas pelos entrevistados, em lugar da produção de aspectos e comportamentos meramente quantitativos. (ULBRA, 2008, p. 42)

Lócus da Pesquisa

A escola em que a pesquisa foi realizada está situada na Asa Norte – Brasília, e atende a alunos a partir de 2 (dois) anos na educação infantil, às séries iniciais do Ensino Fundamental que compreende ao 1º ano ao 5º ano e as séries Finais do Ensino Fundamental, do 6º ano ao 9º ano.

A escola trabalha com uma proposta pedagógica única, que conta com outras unidades localizadas em capitais brasileiras e também no Uruguai e Argentina. A Pedagogia Logosófica pode ser denominada por seu Criador, Gonzalez Pecotche como uma ciência que auxilia o homem a realizar um processo de evolução consciente, à superação humana.

Realidade da turma e dos participantes

A turma do primeiro ano do Ensino Fundamental é composta por 21 crianças, sendo 10 meninos e 11 meninas, é considerada pela escola e por sua professora como uma turma agitada, ativa em que se encontram em sua maioria crianças com participação ativa nas aulas, sempre colocando suas opiniões em grupo, questionamentos, observações e participações. Como a grande maioria da turma são

crianças que estudam a mais tempo no colégio, têm familiaridade com a pedagogia Logosófica e com as rotinas e normas internas, ajudam a construir um ambiente que acomode as novas crianças do colégio. As meninas se apresentam com maior desenvoltura que os meninos, sendo, algumas delas, acompanhadas pelo Serviço de Orientação Educacional - SOE. Por ser caracterizada como uma turma ativa, as crianças possuem uma grande participação nas aulas, sempre contribuindo com o tema e conteúdo, proporcionando um ambiente de mediação e intercâmbio de experiências e conteúdos.

A professora regente trabalha na escola há 9 anos, e apresenta vasta experiência e embasamento teórico tanto no conhecimento e aplicação do método Global e também da pedagogia Logosófica. Juntamente com a coordenadora, monta o trabalho bimestral e anual que será utilizado em sala, ambas possuem conhecimentos profundos sobre a série, o método e também a Pedagogia Logosófica. A professora possui o magistério, é formada em Pedagogia habilitada em supervisão e administração e possui especialização em psicopedagogia.

A Coordenadora trabalha na instituição há 26 anos, possui graduação em Pedagogia, com habilitação em Orientação Educacional e Supervisão Pedagógica. Possui vasta experiência na turma de alfabetização, onde já atuou como professora durante muito tempo. Desenvolve um trabalho ativo e participativo com a turma, montando juntamente com a professora regente o cronograma anual para a série.

A Diretora trabalha na instituição há 25 anos, possui graduação em História – Licenciatura Plena, Licenciatura curta em História e Geografia e especialização em Administração Escolar. Já atuou como docente da instituição durante anos, trabalhando também como assistente de turma na alfabetização.

Instrumentos de coleta de dados

Foram Utilizados dois instrumentos de coleta de dados, sendo um questionário (cf. apêndice) contendo treze questões aplicadas a Professora Regente, Coordenadora Pedagógica do setor infantil e 1º ano e para a Diretora da escola e o outro um roteiro de observação das aulas ministradas pela Professora Regente. As aulas observadas foram concretizadas de forma ativa, onde também realizou-se algumas atividades em relação à alfabetização e o projeto bimestral da sala de aula. O projeto bimestral (cf. anexos) é desenvolvido pela professora regente e a coordenadora, que decidem o texto ou a

palavra estudada, montam um caderno de atividades, um caderno de leitura, e um de produção de textos. Todas as atividades são determinadas no início de cada bimestre, em que a professora segue rigorosamente o cronograma para a realização das atividades.

O método de alfabetização adotado pela escola se classifica como Método Global de Alfabetização caracterizado pela etapas de uma unidade como definido por Villas Boas (1994).

A íntegra dos instrumentos encontram-se nos apêndices.

Procedimentos

As observações foram realizadas durante o mês de outubro do corrente ano de 2013. Observou-se as interações entre a professora e os alunos para se perceber o processo de alfabetização nas crianças. Como foi uma pesquisa participante, a pesquisadora atuava ativamente no desenvolvimento das atividades propostas, observando o desempenho das crianças na realização das referidas atividades. A professora regente recebeu a pesquisadora com entusiasmo e com espírito colaborativo, não criou nenhum obstáculo para a realização desse trabalho. As aulas foram realizadas de forma natural, e a pesquisadora elaborou algumas atividades durante a pesquisa.

Com relação aos questionários, em primeiro lugar, foi realizado um contato com as três participantes e todas se dispuseram a colaborar. O questionário foi entregue pela própria pesquisadora às três respondentes desta pesquisa e lhes foi solicitado um prazo de uma semana para a devolução dos mesmos. Todas as participantes demonstraram solidariedade e respeito para com a pesquisa em andamento. Após uma semana, todas entregaram o questionário, sem mais cobranças.

A seguir, serão apresentados os dados coletados da pesquisa e sua respectiva análise, fazendo uma reflexão com a prática educativa e as teorias utilizadas para justificar os resultados encontrados.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DE DADOS

Foram realizadas observações, na sala do primeiro ano durante quatro (4) aulas no mês de outubro de 2013. As análises dessas observações participantes se dividem em três temas com as seguintes palavras geradoras: água, olho e coleção. a descrição e as análises de cada palavra estão desenvolvidas a seguir:

No primeiro momento observou-se, de acordo com o procedimentos do método global de alfabetização, as aulas que consistiam no lançamento das palavras **Água**, contabilizando duas aulas para a palavra e uma aula para as duas palavras seguintes : **Olho e Coleção**.

Na aula observada que continha a palavra água, a professora escreveu no quadro o cabeçalho, que contém a seguinte frase: (nome do colégio, Brasília, 10 de outubro de 2013) em letra cursiva a palavra água em destaque havendo alguns desenhos de copo de água, torneira, lago com peixes e a água em diversos ambientes. As crianças copiaram o que estava no quadro à medida em que chegavam na sala, a professora recebe as crianças sempre com atividade, pois em conversa com a professora, acredita que a turma permaneça tranquila durante a sua realização. Ao terminar de copiar o que estava no quadro, a professora iniciou a leitura de um poema chamado “Bolinha de sabão”, do livro: Folclorices de Brincar, de autoria de Mércia Maria Leitão e Neide Duarte e ilustrado por Ivan Cruz. Cada criança possui o livro em sua mesa, e também no quadro, o poema está afixado e escrito em papel pardo com letras grandes e cursiva. Segue abaixo o poema:

Bolinha de sabão

Canudo e canequinha
Sabão, água e a bolinha
Flutua solta no ar

Sopro lento, cuidadoso,
Fazer crescer de vagarinho
Frágeis bolinhas de vidro,
De água, sabão e carinho.

Canudo e canequinha,
Sabão, água e a bolinha

Flutua solta no ar

Bolinhas transparentes,
Arco-íris a brilhar
Fogem de mãos curiosas
Que tentam nelas tocar

Canudo e canequinha
Sabão, água e a bolinha
Flutua solta no ar

Bolinhas que voam alto,
Bolinhas que sobem leve,

Desviam pra escapar,

Dançando sua vida breve.

As crianças realizaram a atividade com agitação para poderem sair da sala podendo assim realizarem uma atividade lúdica com bolinhas de sabão. Na aula sobre a palavra **ÁGUA**, uma conversação com as crianças foi gerada a fim de extrair quais eram os elementos que produzem a bolinha de sabão. O sabão, o copo e o canudo foram os elementos mais citados. O elemento água foi o último a aparecer sendo enfatizado a sua relevância como palavra de estudo. Uma história foi lida sobre a importância de economizar a água, que com ela fazíamos várias atividades essenciais para a existência do ser humano.

De acordo com o método global de alfabetização, o processo de alfabetização se inicia com uma frase, normalmente retirada de um texto escolhido pela professora. Porém, como o bimestre foi menor que os outros anteriores, em decorrência das atividades extracurriculares, a proposta para atender o cronograma da escola foi a de não escolher uma frase, como nos outros bimestres para ser trabalhada e analisada ao decorrer do período, mas, apenas palavras contidas nos poemas do livro paradidático escolhido pela professora regente e a coordenadora.

A partir dos poemas estudados, uma palavra era destacada de acordo com a relevância determinada pela professora, que segue o critério da complexidade ou dificuldade descrito por Vilas Boas, 1994, p. 30:

Se para cada unidade da fala tivéssemos um e somente um símbolo gráfico e se cada símbolo gráfico representasse, por sua vez, um e somente um fonema, a tarefa de ensinar a ler e a escrever seria bem mais fácil. Não é, entretanto, o que acontece. A relação entre a língua falada e a língua escrita é marcada por uma não-correspondência termo-a-termo.

Sendo que, as unidades da sílaba “GUA” é de difícil compreensão, pois apresenta mais de um elemento grafo e também fonético, sendo considerada uma sílaba com um grau de complexidade para a assimilação da criança, logo que, por exemplo, a criança conhece o grafema G representado pela forma simples, e agora ele é apresentado pelo grafema GU, representado de forma mais complexa. “Relações mais complexas vão sendo apresentadas gradativamente, segundo uma ordem, que, embora não seja rígida, exige que certos princípios sejam observados.” (VILLAS BOAS, 1994. p. 34)

A palavra Água foi retirada do poema “Bolinha de sabão” que foi destacada em papel pardo, com o texto completo e a palavra em destaque de outra cor. Esse trabalho proporciona a visão total da palavra contextualizada no texto, não somente uma sílaba fragmentada, proporcionando assim uma visão sincrética. Da mesma forma é definido pela psicologia da Gestalt, a etapa de diferenciação no processo de aprendizagem:

Este princípio é chamado de *principio da unidade dentro da variedade de diferentes situações*, sendo uma condição de extrema importância para que se diferencie um elemento entre os demais. Como por exemplo, pode apresentar no início da aprendizagem uma mesma palavra em várias frases de modo que a mesma se destaque. (SILVA, 2000 p. 10)

Outra atividade relacionada a escolha da palavra foi a brincadeira de fazer bolinhas de sabão no gramado da escola. As crianças mostraram grande entusiasmo para a realização da atividade, sendo uma brincadeira que eles fazem com frequência e têm afinidade. Cada criança recebeu um copo com água e sabão e um canudinho com o qual fariam as bolinhas, nesse momento, a professora em fila se retira da sala com as crianças e vão para o gramado. As crianças estavam aparentemente alegres e agitadas com a atividade e mostraram interesse ao realiza-la. Uma criança, ao repor seu copo com água lembrou sobre a importância de economizar água que a professora havia falado. A brincadeira proporcionou a criança uma visão mais ampla sobre a palavra água, estendendo esta vivência para a aprendizagem de outras palavras. Relacionar a palavra água com brincadeira bolinha de sabão conseguiu fugir de conteúdos que atualmente as crianças não vivenciam mais no seu cotidiano, (vivemos em uma sociedade tecnológica e primordialmente urbana e as crianças diminuíram o contato com atividades lúdicas sociais e interativas.) proporcionando assim experiências que deem sentido a palavra água e de fácil assimilação.

O Método Global, segundo Feil (1983) demonstra em seus objetivos a ação de trazer para sala de aula conceitos, temas, conteúdos que façam parte do cotidiano da criança, tentando aproximar o ensino escola com atividades lúdicas e contextualizadas com a realidade delas.

Partia ele do conceito de que o processo do ensino de leitura deveria partir de uma palavra que a criança conheça, pois este deverá trazer consigo uma ideia interessante e apresentada de forma divertida. (FEIL, 1983. p. 30)

Embora o Método Global apresente com uma das características a de trabalhar atividades lúdicas, o método ainda ignora os fatores externos que interferem na aprendizagem e no desenvolvimento do processo de alfabetização, como os fatores sociais, culturais e históricos.

De acordo com Vygotsky, a origem das mudanças que ocorrem no homem, ao longo do seu desenvolvimento, está vinculada às interações entre o sujeito e a sociedade, a cultura e sua história de vida, além das oportunidades e situações de aprendizagem. (Wertsch . In VENOREZI et. al. 2005. p.538).

Portanto, para cada sujeito o desenvolvimento e aprendizagem acontecerá de maneira diferente, considerando que cada um tem uma história diferente, hábitos culturais diferentes e a interação com o meio social diferente, porém o método se utiliza de uma forma padrão de aprendizagem, onde se pode inferir que todos aprendem da mesma maneira e ao mesmo tempo. Com a complexidade encontrada pela forma que cada criança desenvolverá, em momentos diferentes do bimestre, o trabalho pedagógico se complica na medida em que em uma turma de vinte crianças, nem todos se encontrarão em um padrão de ensino e aprendizagem, deixando para trás aqueles que não conseguem acompanhar a turma.

A padronização exposta pelo Método Global de alfabetização proposto pela escola retira a subjetividade da aprendizagem, que desvaloriza as produções individuais e autênticas, mecanizando o ato de ler e escrever, fazendo com que se ignorem as dificuldades individuais levando a se pensar que a aprendizagem ocorre de maneira homogênea. Para Gonzalez Rey, (1997), a subjetividade deve ser considerada no processo de ensino e aprendizagem, pois:

A relação entre subjetividade social e individual é bem mais complexa e contraditória, por meio da qual o comportamento do indivíduo se expressa com diversas contradições entre suas necessidades individuais e sociais,

nas quais deve atribuir sentido para manter seu desenvolvimento pessoal no meio de sua expressão social. Entre o social e o individual, não há uma relação linear nem homogênea. (p. 132) (GONZALEZ REY, in TACCA, 2008 p. 146)

Na aula seguinte foram realizados o paradigma da palavra e a sua depreensão , que são desenvolvidas para demarcar as semelhanças e diferenças entre as palavras estudadas, formando assim novas palavras, em outros contextos. A atividade de Paradigma possibilita “ ainda que o aluno descubra a pluralidade das relações entre a língua falada e a língua escrita” (VILLAS BOAS, 1994. p. 86). Na palavra água, os alunos participaram contribuindo com uma palavra que consideram que tenha a sílaba GUA. Como a sílaba é de difícil assimilação por sua complexidade contida no grafema GUA, a grande maioria confundiu com os grafemas GA e QUA (antiga, amiga, quatro) pela semelhança fônica e gráfica das palavras, porém todas as palavras foram escritas no quadro e evidenciadas as semelhanças e diferenças dessas palavras. Algumas palavras foram escolhidas para a montagem do paradigma em que cinco palavras são colocadas uma abaixo das outras com a sílaba em evidência em todas as posições, no início, meio e final na palavra. Para Villas Boas (1994):

Na formação do paradigma, está sendo dada novamente à criança a oportunidade de chegar aos fonemas e sílabas e de internaliza-los, sem desliga-los do contexto onde ocorrem funcionalmente. É inclusive, importante salientar que, se o aluno apresenta uma palavra, cujo ponto comum é só um fonema – a consoante, por exemplo - , a palavra é devidamente aproveitada e escrita de preferência ao final da coluna, para que, ao destaca-la, o aluno possa fazê-lo assim:

Cavalo
Cabelo
 lobo
 lua

Após a escrita das palavras de cada criança, a professora utiliza uma dinâmica em que todos possam participar, por fileiras, cada criança fala alguma palavra e dessas palavras são escolhidas cinco que serão copiadas no caderno e ilustradas.

Na atividade de Depreensão do fonema, a atividade é relacionada a mudança das vogais em relação a sílaba estudada, com as cinco vogais, as crianças criam o maior número de palavras possíveis que conheçam em seu vocabulário. Na sílaba GUA, apareceram palavras como: “guepardo, guitarra, língua”, ainda confundiram alguns grafemas com o “qui” (quiabo) e “go” (antigo). O conceito de depreensão do fonema é definido por Vilas Boas (1996. p. 90) como:

A análise das unidades mínimas da língua é feita sem desliga-las do contexto onde ocorrem funcionalmente. Elas são destacadas, mas não se desvinculam da palavra a qual faz parte:

Boneca boneco boca toca

Após a escrita das palavras no quadro, destacado suas semelhanças e diferenças, as crianças novamente, copiam cinco em seu caderno, porém com a escolha livre das palavras, e ilustram.

Embora as atividades proporcionem além do ato de decodificar e codificar a língua portuguesa utilizando a literatura, ela não consegue abranger todos os aspectos da complexidade do desenvolvimento e aprendizagem no espaço escolar, prejudicando o desempenho de algumas crianças que não conseguem acompanhar o padrão de ensino. O método Global se caracteriza pela repetição da palavra (ou frases) para que se possam realizar as análises das partes do todo, sendo um modelo único de apresentação.

Na terceira aula a palavra geradora OLHO foi escolhida, a fim de que as crianças pudessem refletir sobre a importância desse órgão para o corpo. Iniciando a aula a professora escreve no quadro a palavra OLHO e pede para que as crianças copiem, juntamente com o cabeçalho. Segue abaixo o poema:

Cabra cega	Todos correm, todos gritam
O jogo vai começar...	Pra cabra-cega enganar.
Faixa amarrada nos olhos,	Os corações se agitam,
Cabra-cega quer pegar.	Com seus ritmos marcados.
No jogo de troca-troca,	Tocam na cabra-cega,
A faixa tem que passar.	Mas não querem ser tocados.

e lá vem a cabra-cega,	Vai querer brincar?
Precisa se orientar.	Amarre a faixa nos olhos
Pra se livrar da cegueira,	Cabra-cega quer pegar...
Vai tateando no ar.	

Novamente, com a escrita do poema em papel pardo e afixado no quadro, a professora inicia a leitura do poema “Cabra-cega”, onde a palavra OLHO se encontra destacada várias vezes. Ao término da atividade a professora propõe uma conversa sobre esse órgão. A partir da palavra, retirou-se o estudo da visão, quais eram suas funções, levou a uma atividade sensorial, onde utilizaram também o tato para apalpar objetos sem o auxílio da visão. Para Lourenço Filho, (1978. p.192)

Um centro (de interesse) dá origem normalmente aos outros, que a ele se prendam: o ensino da alimentação suscita o do pão, o do leite, o da manteiga, da carne, do arroz....Sendo evidente o interesse da classe, deixar-se-á que cada um tenha o desenvolvimento possível.

Após a conversa com a turma, a professora propôs que a turma fosse para o pátio brincar de cabra-cega. Uma criança inicialmente foi escolhida pela professora para iniciar a brincadeira. Todas as crianças queriam falar ao mesmo tempo e ser escolhida. A criança escolhida é vendada com um tecido preto e corre sem saber a direção para tentar pegar as outras crianças. Quando a criança consegue alcançar uma outra colega, a sua venda é retirada e ela passa para a outra criança que vai buscar alcançar um outro colega e assim sucessivamente. A brincadeira foi divertida, as crianças mostraram entusiasmo e euforia em sua realização. Uma relatou que a experiência de não poder enxergar era estranha. A outra disse que mesmo não podendo, olhou embaixo da venda. Todas participaram da atividade que foi proposta comentando e refletindo sobre a experiência.

Ao voltar para a sala, ainda muito eufóricos, a professora, para acalmar a turma propôs o “repousinho”,(situação em que as crianças devem ficar com a cabeça baixa em cima da mesa e em completo silêncio). Após as crianças “obrigatoriamente” se acalmarem,

a professora propôs que no caderno sem pauta, as crianças montassem coletivamente, juntamente com a professora,

Esta atividade está de acordo com a proposta do método global de alfabetização, segue o modelo de Paradigma e Depreensão definidos acima, que é regra para o estudo de todas as palavras do projeto bimestral. Algumas dificuldades foram encontradas quando as crianças traziam palavras com fonemas semelhantes, como ÓLEO e PETRÓLEO. Ambas as palavras foram colocadas no quadro para que a diferença pudesse ser visível para refletirem a diferença gráfica e a semelhança fônica. De acordo com Villas Boas, observa-se que:

Finalmente, o processo em questão possibilita ainda que o aluno descubra a pluralidade das relações entre a língua falada e a língua escrita:

- a diversidade gráfica, apesar da semelhança fônica. Por exemplo, se o aluno sugere a palavra poço, para ser colocada no paradigma osso.
- a diversidade fônica, apesar da identidade gráfica. Por exemplo, se o aluno propõe uma palavra como carra, quando a palavra que está sendo trabalhada é rabo. (VILLAS BOAS, 1994.p. 86)

Na palavra OLHO, deveriam surgir novas palavras que contenham o LHA, LHE, LHI, LHO, LHU, pelo processo de Depreensão do fonema. Nesse momento, cada criança fala uma palavra que acredita ter esse padrão, e elas são anotadas no quadro em que as palavras são divididas em colunas de acordo com a sílaba apresentada.

Essa brincadeira com as palavras proporciona a criança a assimilação do fonema em outros contextos, formando assim uma infinidade de palavras novas com vogais diferentes, mudando a posição da letra ou do fonema e começa a perceber o todo.

Embora todo estruturado para que a criança no processo de aquisição da leitura e da escrita, ela não se torna autora do seu conhecimento, sendo apenas, receptora daquilo que lhe é dado. É ignorado o conhecimento prévio do aluno “ construídos, a partir dos quais se devem criar pontes para as novas aprendizagens” (TEBEROSKY, 2003. p.81)

Com a palavra COLEÇÃO que foi retirada do poema “bolinha de gude”, as crianças leram o poema e interpretaram. Segue poema:

Gude

Bolinhas de gude,
 Brincadeira colorida,
 Que junta os amigos.
 Quem dá a partida?
 Lá vem molecada,
 Trás a coleção
 Para a competição.
 A palma da mão
 Marcando a distância,
 Bolinhas no chão,

Brinquedo de infância.
 Lá vem molecada,
 trás a coleção
 Para a competição.
 Mirar bem no alvo,
 Tecar com firmeza.
 Precisa atenção,
 Requer esperteza.
 Lá vai molecada
 E seu campeão
 Com a maior coleção!

A primeira atividade foi em sala de aula, onde a professora apresentou as crianças a “bolinha de gude”, e também conversou sobre as regras de algumas brincadeiras com as bolinhas. Apenas uma criança conhecia as brincadeiras e as regras. A brincadeira nomeada de *Lóca*, que é realizada com um buraco no chão. De uma distância de três metros, cada jogador deve tentar “enlocar” (acertá-la no buraco). Quem conseguir, ganha uma bola de cada jogador. Quem errar vai para o fim da fila. Ganha o jogo quem conquistar mais bolas adversárias. Outra brincadeira é *o mata-mata*, em que cada jogador tenta acertar a bolinha jogada pelo anterior, e assim, ganha-la para si. O jogo começa com uma bolinha grande colocada no chão, em espaço livre. O primeiro jogador tenta acertá-la, o segundo mirra a bolinha no primeiro e assim por diante. O jogo só acaba quando os participantes quiserem.

A maioria nunca havia brincado com o objeto em questão. Nesse momento as crianças se mostraram atentas às explicações, questionando sempre sobre o material de fabricação, quem inventou e onde comprar. Fora da sala Cada criança recebeu uma bolinha

de gude para iniciar a jogada. A professora desenhou um triângulo e colocou três bolinhas em cada ponta, Quem conseguisse acertar uma bolinha na outra, conhecido como “tecar”, conseguia as duas bolinhas. (As crianças não perdiam a bolinha, pois o objetivo da atividade era trabalhar as habilidades em relação à noção espacial e geométrica, em que as crianças deveriam acertar um alvo.) Então em fila cada criança tem sua oportunidade de participar.

Para Lourenço filho (1979), os jogos devem ser trabalhados nas séries iniciais e para o auxílio da alfabetização, onde a criança possa fazer uma discriminação visual, de posição e direção, considerando uma boa ferramenta para essa fase.

Relacionar as brincadeiras com uma atividade que anos atrás era bastante popular proporcionou que além de trabalhar os conceitos de posição, direção, espacialidade, a atividade proporcionou um convívio coletivo que foi se perdendo na atualidade, pois o modelo de vida tipicamente urbana, priva-os dessas características de brincadeiras com pouco teor tecnológico (ou quase nada) e com grande teor coletivo. As atividades em grupo proporcionam um convívio com as regras sociais, em que as crianças assimilam que em todos os locais deve-se interagir com o outro, respeitando os limites para uma convivência saudável.

Outra atividade em que as crianças se retiraram do ambiente da sala de aula foi a montagem de uma exposição com coleções (carrinhos, bonecas, tiaras, bolinhas de borracha, figurinhas de álbuns de vários personagens, lápis de cor, DVD de desenhos animados e filmes infantis) que as crianças trouxeram de casa para apresentar às outras turmas do colégio. A professora incentivou para que se possível trouxessem algo para mostrar. As crianças prepararam com muito afinco toda a organização, desde a localização do espaço para que fosse realizada a atividade quanto, a disposição dos objetos e exposição. Essa atividade foi desempenhada aparentemente com interesse pelas crianças, que montaram convites entregando as outras turmas para participarem da exposição. Percebi que todos desempenharam suas atividades para que pudesse ser realizado tal projeto, e que despertou interesse nas crianças em ampliar o tema e não se prenderem a sala de aula.

O ambiente de aprendizagem não se restringe apenas dentro da sala de aula utilizando como recurso didático lápis e caderno, porém as propostas das atividades fora da sala de aula induzem a um trabalho pedagógico que não se restringe apenas no

tradicionalismo, mas que vai além, proporcionando a aprendizagem completa, utilizando aspectos que a aprendizagem pode proporcionar.

O estudo do Paradigma da palavra resulta em palavras derivadas a sílaba da terminação “ÃO”, e então surgiram novas palavras como “ação”, “canção”, “João”, “violão” e também palavras no aumentativo como: “Cachorrão”, “bolão”, “cadernão”. Nessa atividade a professora conseguiu dar o conceito de aumentativo, levando as crianças a refletirem sobre o nome dos objetos no aumentativo que se encontravam dentro da sala. Também estudou-se palavras que rimavam com “ão”, que foram procuradas no poema, como um gênero literário que apresenta essa característica.

Como relatada sobre a atividade acima, não somente a sílaba foi estudada, porém o gênero literário e também outros aspectos sobre a palavra estudada, proporcionando uma interação com outras áreas de conhecimento e também ampliando os conceitos das crianças. Na psicologia da Gestalt, essa etapa pode ser relacionada com o processo de **redefinição** que “consiste em perceber um mesmo estímulo de modo inteiramente novo, segundo a situação total ou a forma que ele se apresenta, sua posição em relação aos demais estímulos” (Silva, 2000, p. 32). A palavra estudada portanto pode ser apresentada em outros contextos, não somente na sentença apresentada, aproveitando todos os recursos que a palavra pode proporcionar.

De acordo com o método a etapa seguinte diz respeito ao estudo das palavras, numa proposta de análise das partes do todo, assim como, na psicologia da Gestalt o todo é maior que as somas de suas partes sendo que as partes da palavra correspondem a um todo maior do que as suas sílabas. Nesse sentido o processo de diferenciação, que é o processo de assimilação, de acordo com Silva define que:

O processo de **assimilação** segue ao de diferenciação, onde uma parte da situação total é destacada pelo processo de diferenciação, tornando-se figura. Esta figura pode se reunir às outras, constituindo novas estruturas pelo processo de assimilação. (Silva, 2000. p. 32)

Portanto, as possibilidades que são dadas aos alunos se inserir na literatura, proporciona uma visão total daquilo que está sendo estudado. O método Global demonstra que suas atividades conseguem ampliar seus espaços e temas, não se restringindo apenas

para a decodificação do alfabeto, porém se preocupa em inserir o aluno na literatura através de textos de forma lúdica e dinâmica.

Porém, a repetição as mesmas atividades, como a realização do Paradigma e da Depreensão limitam o espaço da criatividade, em que as aulas se restringem nessas atividades, tornando o processo cansativo e mecânico para as crianças. No estudo da frase, essa característica se acentua, já que ao estudar cada palavra (isoladamente) da frase, volta-se a frase completa, tornando-a repetitiva ao longo de um bimestre inteiro.

Em seguida, apresenta-se as análises dos questionários, em que, as concepções teóricas são confrontadas com a fala dos participantes e a prática observada, para que se possa refletir sobre a prática educativa nesse ambiente.

Análise dos questionários

O questionário contou com a colaboração de três participantes para a realização da pesquisa, em que a Diretora, a coordenadora e a professora regente responderam ao mesmo com disponibilidade e espírito colaborativo para com a pesquisa. A seguir são apresentadas as análises depreendidas do referido questionário. As questões A1 à A6 correspondem ao perfil pessoal, profissional e acadêmico dos entrevistados e que foram contemplados nas páginas 52/53. (realidade da turma e dos participantes.).

Na questão A7, perguntou-se se a escola disponibiliza recursos para que seja pensado e avaliado o processo de alfabetização.

A diretora respondeu que semanalmente são disponibilizados reuniões com a coordenação pedagógica. A Coordenadora afirma que existem recursos como cursos de capacitação e a professora regente afirma que existe, porém não especifica.

Nessa questão, podemos inferir que as três participantes não responderam a questão satisfatoriamente, mas percebe-se que existe uma preocupação com o desenvolvimento desse processo na instituição, que semanalmente são discutidos e avaliados e também são ofertados cursos de capacitação. Segundo Carvalho (2011) A organização pedagógica para dar o apoio para professoras que estão em sala de aula é importante para que haja segurança no trabalho e também apoio pedagógico e técnico.

Seria preciso investir ainda sempre na formação inicial e continuada de professores, ao mesmo tempo em que lhe forma garantidas condições dignas de trabalho para que tivessem tempo, recursos financeiros e opções de acesso a bens culturais para se tornarem leitores. (CARVALHO, 2011. p. 82)

Em observações informais realizadas pela pesquisadora no contexto da escola em questão, os incentivos a leitura como função de toda escola, proporciona um trabalho amplo para a alfabetização, que não deve ser apenas função da professora, porém uma boa equipe pedagógica e o intercâmbio de experiências auxiliam no processo de alfabetização. “ [...] a sala de leitura não garante status de espaço educativo importante, nem é apoiada pela direção e pelo corpo docente, que deveriam partilhar a responsabilidade pela sua dinâmica e

Na questão A8 foi perguntado quais seriam as competências que o aluno deve adquirir no final do 1^a ano do ciclo de alfabetização? As três respostas tiveram semelhanças, onde fica evidente que a principal competência adquirida é a aquisição da leitura e da escrita. Porém a coordenadora enfatiza com propriedade que o ato de ler não está apenas na ação, porém a autonomia da criança em relação as atividades exercidas fora do contexto escolar, como “expressão do pensamento com liberdade por meio da leitura e da escrita.” Nesse trecho podemos perceber o processo de “leitura como inseparável das atividades de expressão, de observação e de criação.” (CARVALHO, 2011. p. 37). A autonomia que a criança deve adquirir a partir da proposta de alfabetização por meio de textos é exemplificado por Villas Boas (1994.p. 106)

Para o aluno, em seu processo de desenvolvimento, a descoberta de regras que organizam os diversos conteúdos é, entretanto, condição necessária, mas não suficiente. É fundamental que ele tenha a oportunidade e tempo bastante para usá-la em múltiplos contextos, produzir com elas, inventar, estabelecer outras relações, sobretudo através de muita leitura e produção de texto.

É destacado que apenas a aquisição da leitura e da escrita restringe o processo de alfabetização, sendo que outras habilidades também devem ser trabalhadas nessa fase, para que a criança possa atuar com autonomia e reflexão.

Na questão A9, foi perguntado como se dá o processo de alfabetização na escola. As três colaboradoras apresentaram respostas parecidas, onde a coordenadora e a professora escreveram que por meio do método global de alfabetização, com estímulos a leitura por meio dos projetos de leituras e idas a biblioteca e livros na sala de leitura. A diretora especificou colocando como o método é trabalhado na escola. Nas palavras da diretora, ela explica que o método é utilizado mais intensivo no 1º ano do Ensino Fundamental, visando a capacidade de interpretação de texto.

Dentro do Método Global, o incentivo à leitura é dado sempre de maneira mais intensa, pois um dos seus objetivos é que o aluno não possa apenas decodificar e codificar o alfabeto, porém formar bons leitores. Para Decroly apud Carvalho:

Decroly entendia a leitura como inseparável das atividades de expressão, de observação e de criação. Em colaboração com uma professora primária, experimentou um método de aprendizagem de leitura que punha em jogo o que chamava “função de globalização”. (CARVALHO, 2011. p. 37)

Portanto a escola possui uma preocupação central em formar alunos leitores, que possam compreender textos, além de produzi-los com facilidade, retirando um dos aspectos que torna esse processo fragmentado e segregado.

A questão A10 foi relacionada aos critérios de escolha dotados pela instituição para o método. As respostas também apresentam semelhanças, em que mostram que o objetivo da instituição nessa etapa é a aquisição de alunos leitores, e pelo fato do método atender principalmente à esse requisito a escolha foi feita. Para Carvalho, antes da escolha do método deve-se pensar algumas questões: “Os fundamentos teóricos, as etapas de aplicação, o material necessário, os resultados previsíveis.” (CARVALHO, 1995. p. 36). Alguns questionamentos também podem ser colocados a fim de refletir sobre a realidade que é encontrada pelos alfabetizadores, como:

- O que realmente tenho em vista ao ensinar a ler? O que estou buscando? Que usos da leitura e da escrita pretendo que o aluno venha a praticar? De que materiais disponho ou estou disposto a criar? Como as crianças se relacionam com a escrita, o que sabem

sobre o assunto? Como eu próprio me relaciono com a leitura, escrita e o método? (CARVALHO, 2011. p . 47)

Pode-se perceber que a escola não se atentou para outros fatores para a escolha do método, como por exemplo, a participação da criança no processo de alfabetização, o que determina a escolha do método em que a criança recebe tudo pronto, que se posiciona para construir seu próprio conhecimento. Para Emília Ferreiro, um dos grandes questionamentos para a escolha do método, é a característica engessada que eles apresentam, retirando a criança do seu processo:

De fato, a perspectiva construtivista requer algo mais que um método. Um dos aspectos que requer é averiguar quais são os componentes efetivos de um processo de aprendizagem construtiva, componentes que são responsáveis tanto pelo desenvolvimento de conhecimentos como dos resultados escolares. (TEBEROSKY; COLOMER, 2003. p. 77)

No que a autora se refere à construção, a criança exerce papel ativo nas atividades, porém não como o método global apresenta em que a criança apenas realiza as atividades proposta, mas que ela possa construir sua aprendizagem sendo respeitados seus conhecimentos prévios e a liberdade em construir suas hipóteses. Uma das características do método acentua o passo-a-passo que o professor deve seguir em suas aulas, e a criança recebe tudo pronto, apenas reproduz aquilo que a professora pede, sem reflexão, mecanizando o ensino, que se repete ao longo do ano inteiro.

Ainda assim a diretora acredita que “ os critérios utilizados para a escolha do método global foram: liberdade de participação da criança em todo processo, a possibilidade de ampliar a visão de mundo da criança por meio da reflexão, da observação desenvolvendo assim a capacidade de pensar e analisar criticamente.” Embora o Método Global de alfabetização na prática valorize principalmente a capacidade de pensar e analisar criticamente do que a liberdade de participação da criança.

A questão A11 foi relacionada à organização da rotina pedagógica para as crianças em processo de alfabetização. As três colaboradoras responderam que no primeiro momento da rotina é direcionado as aulas formais, sendo o momento quem que em sala de aula ocorre a rotina relacionada as atividades para a alfabetização e que no segundo

momento as atividades são lúdicas, para o lazer, com jogos e brincadeiras para a fixação do que foi dado em sala de aula.

Para Decroly, as atividades lúdicas devem fazer parte da rotina das crianças, momento em que os temas em sala devem se relacionar com as atividades lúdicas. As crianças dispõem de uma quantidade considerável de tempo livre para essas atividades.

Através do jogo a criança aprende resolver problemas sociais, intelectuais e morais, desenvolve o raciocínio e a reflexão. A atividade lúdica deve fazer parte do programa escolar, pois, é só através desta atividade que a criança realmente conseguirá trabalhar espontaneamente. A linguagem, a história, as artes plásticas e a música oferecem os meios para a criança satisfazer sua necessidade de ação, de movimento e jogo. (FEIL, 1983.p. 35)

A atividade lúdica para a alfabetização é indispensável, já que o processo não se dá somente dentro da sala de aula, porém em todos os ambientes. Como as atividades são relacionadas com as palavras de estudo a assimilação pode ser facilitada, levando a criança a perceber esse processo em todos lugares, proporcionando uma visão global do aprendizado.

A questão A12 está se referindo ao alcance dos resultados de aprendizagem por meio do método. As colaboradoras afirmam que o método satisfaz e auxilia para que os resultados sejam alcançados, sendo que reforçam a ideia de continuidade da utilização do método, pois os resultados apresentados estão de acordo com seus objetivos mais uma vez enfatizado, a aquisição da leitura e da escrita. Embora

Decroly (apud CARVALHO, 2011. p. 47) define a palavra método como:

O conceito de método não se contém nos estreitos domínios da técnica, pois que pressupõe uma relação entre fins a serem obtidos. Ao modo de fazer as coisas, ou de como fazê-las, antecede a intenção de fazê-la ou daquilo que deva fazer. Ainda assim, os resultados da indagação experimental devem ser levados em conta, pois não terá sentido pretender fazer aquilo que não se possa fazer. [grifos do autor]

Para as colaboradoras, a alfabetização tem um fim, que é de formar alunos que possam escrever e interpretar textos, o que justifica a escolha de uma metodologia específica que atende as necessidades e os fins esperados, que por anos, mostra um bom resultado coletivamente. Porém, pude observar, como pesquisadora participante que algumas crianças que tem mais dificuldade de assimilação, não conseguiram se adequar nessa metodologia, o que possibilita que as suas dificuldades sejam ignoradas. Percebe-se que neste método não existe a flexibilidade de um trabalho diferenciado para o desenvolvimento de aprendizagem de crianças com ritmos e dificuldades diversas.

A última questão A13 está relacionada aos instrumentos de avaliação para avaliar a aprendizagem dos alunos em processo de alfabetização. As respostas definiram que a avaliação é informal, dada por meio de observação e exercícios para casa diários e a entrega de relatórios semestrais para os pais, em que contém informações sobre o desempenho dos alunos nas diversas áreas de conhecimentos e habilidades adquiridas.

O Ministério da Educação e Cultura recomenda que não se retenha as crianças nessa fase, sendo que a sua principal avaliação será dada de forma informal por meio de observações de desempenho cotidiano. Em que a criança possa se desenvolver livremente sem ser pressionada por notas, porém com a qualidade que a aprendizagem está ocorrendo.

As análises ressaltaram como a prática pode ser repensada a partir de conceitos teóricos para que a não reprodução do ensino tradicionalista possa ocorrer no ambiente escolar. As reflexões sobre a prática pedagógica em sala de aula auxiliam na qualidade de ensino, em que podem ser repensadas práticas que se encaixam melhor nas realidades encontradas. O professor pesquisador consegue portanto ter uma visão holística do processo de aprendizagem que está acontecendo em todos os aspectos, aperfeiçoando as suas atuações e modificando a realidade de acordo com estudos e análises proposta na área escolar.

Considerações Finais

Considero que a realização deste trabalho favoreceu uma reflexão acerca do desenvolvimento e aprendizagem das crianças no processo de alfabetização. O fechamento da pesquisa aponta que os objetivos deste trabalho que fora, refletir sobre o método Global de alfabetização desenvolvido pela instituição pesquisada e verificar a proposta da escola para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças e ainda identificar as estratégias para aprendizagem de algumas atividades.

A pesquisa contribuiu para a reflexão sobre a prática pedagógica no processo de alfabetização. Associando as teorias da alfabetização e as atividades desenvolvidas pela instituição, pode-se perceber que são necessárias análises sobre as práticas pedagógicas nessa etapa.

É importante que tais práticas sejam desenvolvidas com a articulação das diversas áreas do conhecimento para aquisição da leitura e da escrita proporcionando um ambiente em que a criança tenha liberdade para construir seu conhecimento a partir da sua realidade, dando significado ao seu desenvolvimento e aprendizagem.

Com o estudo realizado e a prática docente observada, pode-se perceber que a alfabetização ultrapassa a concepção metodológica, que deve considerar fatores externos de aprendizagem, respeitando a singularidade de cada criança a partir da subjetividade do desenvolvimento e aprendizagem da criança.

A culminação dos resultados em relação às teorias apresentadas foram significativas para a reflexão da prática docente, em vista de uma melhor atuação pedagógica, em que pode-se se repensar novas estratégias para alfabetização de crianças.

Perspectivas Profissionais

A conclusão da graduação em pedagogia projeta aspectos positivos em relação a escolha profissional, portanto pretendo aplicar a realidade educacional todo aprendizado aqui adquirido, suprimindo o déficit de profissionais, que existe nessa área, cumprindo com meu papel social e profissional competentemente.

O curso de Pedagogia da Universidade de Brasília nos proporciona experiências em que nos insere tanto na docência, quanto na carreira acadêmica. Pretendo passar por todas as etapas dessa carreira que tanto me encanto que é a docência. Pretendo ser aprovada no concurso da Secretaria de Educação, pois acredito que meu trabalho que será desenvolvido contribuirá para que uma parte, mesmo que pequena, tenha qualidade no ensino público.

Tenho preferência para as turmas de alfabetização, pois é a área que eu me identifico e faço com satisfação, embora seja desafiador, espero estar preparada. Pretendo continuar minha carreira acadêmica, porém, não gostaria de fazê-lo sem uma base prática, pois acredito no professor-pesquisador, que tanto foi enfatizado na realização dos projetos na universidade.

A carreira acadêmica é também um dos meus objetivos futuros, o aperfeiçoamento diante dos estudos é importante para o bom desenvolvimento na sala de aula, e acredito que na Universidade, tendo o contato com a pesquisa, conseguimos melhor refletir sobre a realidade e produzir sistematicamente conhecimentos que contribuem para a prática docente.

Por fim, ao término da graduação, pretendo sempre continuar me aperfeiçoando para melhorar o meu desenvolvimento e para cumprir com competência meu papel social e contribuir para a sociedade.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae. **Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo**. Revista Digital Art&, Número 0, Outubro de 2003. S.d.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. 2ª ed. v.16. São Paulo: Cortez, 1994. 159 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Pedagógicas: Bloco Inicial de Alfabetização**. 2ª ed. 2012. Disponível em <http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/public/diretrizes_pedag_2012.pdf> Acesso em: 11 de nov. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Pacto Nacional de Alfabetização na idade certa: A aprendizagem de ensino de sistema de escrita alfabética**. 2012. Disponível em <<http://pacto.mec.gov.br/>> Acesso em: 11 de nov. 2013.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: Um diálogo entre teoria e a pratica**. 8 ed. Rio de Janeiro : Vozes, 2011.

CARVALHO, Marlene. **Guia Prático do Alfabetizador**. 2ª ed. São Paulo: Ática S.A., 1995. 95p

FEIL, Iselda Teresinha Sausen. **Alfabetização: Um desafio para um novo tempo** . 3ª ed. Rio Grande do Sul: Vozes, 1983. 167p

FERREIRO, Emilia. Os problemas cognitivos envolvidos na construção da representação escrita e linguagem. In: **Alfabetização em processo**. 3ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1987. p. 9-22.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a alfabetização**. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2001. 103p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2ª ed. São Paulo: Atlas S.A., 1989.

LOURENÇO FILHO. **Introdução ao Estudo da Escola Nova**. 12ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978. 271p.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização: São Paulo/1876-1994**. São Paulo: Unesp, 2000. 371 p.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil. Abr. 2006. Disponível em:**

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf> Acesso em: 20 de ago. 2013.

PARDIM, Carlos Souza; SOUZA, Luzia Aparecida. **O movimento escola nova no Brasil na década de 1930.** S.d. Disponível em: <http://www.uems.br/eventos/semana2012/arquivos/49_2012-09-28_15-35-43.pdf> Acesso em: 04 dez. 2013.

PEREIRA, M. C. R. ; VELIAGO, R. ; SOLIGO, R. **Programa de desenvolvimento profissional continuado.** A secretaria, Brasília, 134 p.: il Modulo Alfabetizar com textos. 1. Alfabetização. 2. Ensino fundamental. 3. Formação de professores. I. Título, 1999.

POZO, JUAN Ignácio. Teoria da Restruturação. In : **Teorias cognitivas da aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. P. 165-223.

REBELLO, E.T ; PASSOS, J.S. **Vygotsky e o desenvolvimento Humano.** S.d

SILVA, Valdete Teixeira da. Teorias da aprendizagem. In: **Módulo pedagógico para um ambiente hipermídia de aprendizagem.** Florianópolis: UFSC, 2000. p 24 – 51. **Disponível em:** < <http://www.eps.ufsc.br/diss2000/valdete/>> acesso em: 13 de out. 2013.

SOARES, Magda. O fracasso da/na escola. In: **Linguagem e Escola: uma perspectiva social.** 13ª ed. São Paulo: Ática S.A., 1995 p. 8-16.

TACCA, M.C.V.R ; REY, F.L.G. **Produção de sentido subjetivo: A singularidade dos alunos no processo de aprender.** Psicologia Ciência e Profissão, Brasília, 2008, 28 (1). 138-161

TEBEROSKY, Ana. ; CLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtiva.** Porto Alegre: Artmed, 2003. 191p.

VERONEZI, Rafaela Júlia Batista; et. al. **Funções psicológicas Superiores: Origem social e natureza mediada.** nov./dez., 2005. Disponível em: < http://www.proiac.uff.br/sites/default/files/documentos/funcoespsicologicas_superiores.pdf > Acesso em: 22. Nov. 2013.

VILLAS BOAS, Heloisa. **Alfabetização: Outras Questões, Outras Histórias.** 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 245p.

Anexos



CRONOGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO 3º BIMENSTRE DE 2013

Retorno do recesso para alunos 29/07

LIVRO DO PROJETO DE LEITURA:

FOLCLÓRICAS DE BRINCAR

AUTORAS: Mércia Maria Leitão e Neide Duarte

ILUSTRADOR: IVAN CRUZ

EDITORA DO BRASIL

LANÇAMENTO DO LIVRO

Eu farei a cópia de uma das obras de Ivan Cruz, tamanho grande, recortarei em pedaços fazendo um quebra cabeça... Cada criança irá receber um pedaço e será orientada para que pinte com cores fortes e alegres. Depois de tudo colorido eles terão que montar o quebra cabeça, seguindo uma ordem numérica que estará no verso do papel – revelando uma brincadeira... Conversaremos um pouco sobre a importância de brincar de forma saudável e feliz - respeitando os colegas.

Compreender o que é uma brincadeira de bom gosto e uma brincadeira de mau gosto. Criar símbolos para representá-las:



Brincadeira de bom gosto – se inicia e termina de forma feliz.

ENTÃO VAMOS BRINCAR!

“A CRIANÇA QUE NÃO BRINCA NÃO É FELIZ; AO ADULTO QUE QUANDO CRIANÇA NÃO BRINCOU, FALTA-LHE UM PEDAÇO NO CORAÇÃO”.

IVAN CRUZ

POESIA: CIRANDINHA

Leitura da poesia CIRANDINHA (que estará escrita em papel pardo para expor) – destacar a palavra **AMIZADE**

CONVERSANDO: O VALOR DA AMIZADE

O que é ser amigo?

O que é amizade?

Você sabe cultivar a amizade?

Como você cultiva a amizade?

Vamos brincar de amigo oculto? (amigo oculto de cartão)

13/08

Lançar a palavra: AMIZADE

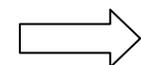
- Escrever a amizade – separar em sílabas.
- Fazer o perfil da palavra e depois pintar;
- Contar as letras e sílabas;
- Desmembrar em sílabas e trabalhar em fichas;
- Leitura da poesia – CONQUISTANDO AMIGOS do livro O Tesouro

14/08

Paradigma da sílaba ZA .

- Brincadeira – separar a turma em grupos e pedir para eles anotarem o maior número de palavras que eles encontrarem que tenham a sílaba za
- Escolher uma das palavras – copiar e desenhar no caderno;
- Fazer o paradigma e colar no mural – usar as palavras que eles escreveram.

15/08

Depreensão das sílabas ZA.

As professoras irão levantar umas fichas com as depreensões já feitas e as crianças deverão ler – zabumba – zebra – zero – beleza – zoológico – zíper – azulão (pássaro)

Colar as figuras no caderno e escrever o nome delas: ditado ilustrado

Pedir pra trazerem – pião para amanhã

<p>Pião / blayblade</p> <p>16/08</p>
<p>POESIA: PIÃO</p> <p>Leitura da poesia PIÃO (que estará escrita em papel pardo para expor) – destacar a palavra PIÃO</p> <p>O que é um pião? Quem tem?</p> <p>O pião de hoje em dia é o blayblade?</p> <p>Vamos tentar rodar um pião de verdade, daqueles antigos? Será que é difícil?</p> <p>Que tal convidar um pai que sabe?</p>
<p>19/08</p> <p>Observar a palavra PIÃO</p> <p>VAMOS BRINCAR DE RIMAR:</p> <p>PIÃO RIMA COM – MÃO – MAMÃO – MELÃO ...(FAZER UM CARTAZ COM RIMAS PARA PIÃO)</p>
<p>26/08</p> <p>POESIA: BOLINHA DE SABÃO</p> <p>Leitura da poesia BOLINHA DE SABÃO (que estará escrita em papel pardo para expor) – destacar a palavra ÁGUA</p> <p>Brincar de BOLINHA DE SABÃO</p> <p>LANÇAMENTO DA PALAVRA ÁGUA</p> <p>CIÊNCIAS: Atividades de percepção gustativa</p> <p>•</p> <p>Provar ÁGUA</p>

- com açúcar, com sal ...
- Como deve ser a água para bebermos?
 - Assistir vídeo da Turma da Mônica - Economizar Água (**assistir na biblioteca**)

MÚSICA:

Água! Vamos economizar!

27/08

Fazer o perfil da palavra água colando pedacinhos de papel.

Recortar e montar a palavra água –

Ilustrar/ com gravuras de revistas... Colar no caderno.

PARA CASA: PESQUISAR OS TIPOS DE ANIMAIS QUE VIVEM NA ÁGUA...
TRAZER MINIATURAS DE ANIMAIS AQUÁTICOS ETC...

- trazer um guarda – chuva / 5ª feira

28/08

Paradigma da sílaba gua.

Água -língua - linguado - guarda- aguado- guaraná - aguaceiro- régua- égua-
água- guardanapo - guarita - Guanabara- guache- Guarani- linguagem.

CULINÁRIA: Sacolé com **água** e suco de **guaraná**.

29/08

Brincar com guarda chuva – fazer chuvinha – se proteger da chuva...

Analogia : Como podemos nos proteger dos pensamentos ruins?

Desenhar imagem de crianças embaixo de guarda chuvas e pensamentos ruins caindo sobre eles... (fazer mural...)

30 /08/2013

POESIA: **CABRA-CEGA**

Conversa informal sobre a brincadeira **CABRA-CEGA**:

Quem conhece? Como se brinca? O que precisamos para brincar?

Quais os sentidos que usamos para brincar de cabra cega e em quais momentos? (tato, audição, olfato ...).

Qual sentido não usamos nesta brincadeira?

Conversar sobre a deficiência visual ... como as pessoas que não enxergam brincam?

Valor da gratidão por podermos enxergar.

- Que órgão do nosso corpo usamos para ver/enxergar?
olhos
- No nosso corpo ele se apresenta em par?
Sim, são dois.

Leitura da poesia CABRA-CEGA (que estará escrita em papel pardo para expor) – destacar a palavra olhos

02/09

CRIAR FRASES:

- Os olhos fazem parte do nosso corpo.
- Nós temos dois olhos.
(criar outras frases com eles e anotar em papel pardo – expor na sala / colocar na pasta de leitura).

03/09

Olho

- Quantas sílabas tem a palavra olho?
- Quantas consoantes? Quantas vogais?
Fazer o perfil da palavra olho, colando barbante em volta dela.

Recortar e montar a palavra OLHO – ilustrar/ com gravuras de revistas. Colar no caderno

PEDIR INGREDIENTES PARA CULINÁRIA – BOLO DE MILHO

04/09

Paradigma da sílaba lho.

coelho – espelho – alho – olho – piolho – pimplho – repolho – filho

CULINÁRIA: bolo de milho

1 lata de milho;

Usar a medida da lata:

1 lata de fubá de milho;

½ lata de óleo;

1 lata de açúcar;

3 ovos;

1 colher (sopa) de fermento;

Bater todos os ingredientes no liquidificador/assar em forma untada

05/09

Depreensão da sílaba lho.

coalhada – orelha - bilhete – ramalhete – recolhido – repolho - milho – orelhudo

06/09

LANÇAMENTO DA PALAVRA –

CABRA

Conversar informal sobre a palavra cabra:

MOSTRAR FIGURAS -

- O que é uma cabra?
- Como é coberto o seu corpo? Quantas patas ela tem?
- Quem já tomou leite de cabra?

ARTES: FAZER UMA DOBRADURA DE CABRA

Brincar, novamente, de CABRA-CEGA

Fazer texto coletivo sobre a atividade.

09/09

Paradigma da sílaba BRA.

BRASIL – brasileiro - brasa – brama – abra – abra/cadabra – quebrado – dobradura

Natureza e Sociedade – Conversar sobre o **Brasil** – nosso país/ hino brasileiro- ouvir e ler / o que tem no nosso país / como são os brasileiros / qual a língua que falamos – mostrar o mapa do Brasil (ler para eles o nome dos estados) / colorir o mapa do Brasil / cores da bandeira do Brasil...

10/09

Depreensão da sílaba BRA.

Brasil – brejo – brilho – broto – broca – bruto – embrulhar

COBRA

ARTES – FAZER UMA COBRA (COLETIVA): USAR MEIA CALÇA VELHA E JORNAL AMASSADO.

MÚSICA:

A COBRA NÃO TEM PÉ.
A COBRA NÃO TEM MÃO.
COMO É QUE A COBRA SOBE NO PEZINHO DE LIMÃO?

CIÊNCIAS: **PESQUISAR NA INFORMÁTICA** OS DIFERENTES TIPOS DE COBRA – VENENOSAS E NÃO VENENOSAS; COMO ELAS SE LOCOMOVEM... **IMPRIMIR PARA COLOCAR NO CANTINHO DA NATUREZA**

11/09

POESIA – CATA –VENTO

Leitura da poesia CATA-VENTO (que estará escrita em papel pardo para expor)
– destacar a palavra **MOLEQUE**

Conversando:

Vocês sabem o que é moleque?
Procurar no dicionário o significado.
Porque a autora do livro escreveu moleque? O que ela poderia ter escrito para substituir a palavra moleque?

O que é sinônimo?

Moleque – menino – garoto

Bonito –

Alegre -

ARTES – fazer um cata-vento / brincar

13/09

LANÇAMENTO DA PALAVRA moleque

- Quantas sílabas têm? Quais são? Quantas vogais? Quantas consoantes?
- Traçar o perfil.
- Recortar e montar a palavra no caderno.

16/09

Paradigma da sílaba que.

Queijo – quero – querido – querosene – paquerar –

17/09

Depreensão da sílaba que

Quati adequado aquarela /aquele pequeno /periquito quiabo quilo aquilo /quociente

Copiar a tarefinha no caderno e fazer:

POESIA: GUDE

Leitura da poesia GUDE (que estará escrita em papel pardo para expor)⁸⁶ –
destacar a palavra **COLEÇÃO**

O QUE É UMA COLEÇÃO?

QUEM TEM UMA COLEÇÃO? DE QUE?

Fazer uma exposição de coleções – combinar com as crianças que tem coleções para trazer na 5ª feira montaremos um espaço para expor na sala de artes.

Fazer convites para as turmas do prédio de cima e para as turmas da Ed. infantil – colocar horário e local da exposição.

Local: sala de artes

Horário: 17h às 17h40

Guardarem tudo após exposição.

BOLINHAS DE GUDE É UMA COLEÇÃO BEM LEGAL.

19/09

Exposição

20/09

QUE TAL APRENDER A JOGAR GUDE? (convidar um pai pra ensinar)

EXPLICAR QUE PELAS REGRAS DO JOGO QUEM CONSEGUE TECER A BOLINHA DO ADVERSÁRIO FICA COM ELAS... ASSIM SUA COLEÇÃO VAI AUMENTANDO...

Coleção rima com pião

**1- Quem brinca com bolinhas de gude?
CRIANÇA - CRI / AN / ÇA**

23/09

CRIANÇA

O que é ser criança?

O que uma criança faz?

Quais são seus direitos e deveres? ler pra eles direitos e deveres da criança.

Todo mundo já foi criança?

O que uma criança de hoje em dia faz e que de antigamente não fazia? E vise versa?

24/09

- Escrever a CRIANÇA – separar em sílabas.
- Fazer o perfil da palavra e depois pintar;
- Contar as letras e sílabas;
- Desmembrar em sílabas e trabalhar em fichas;

Paradigma da sílaba CRI.

escrito – criado ... e outras palavras que eles irão falando.

25/09

cravo – tempero / cheirar

cravo – lesão da pele

cravo – instrumento musical

Depreensão da sílaba CRI.

DESAFIO – ler as palavras que serão apresentadas em powerpont.

Crânio – craque – cratera – cravo – creme – crespo – cristal – Cristiano – Cristina – crocodilo – croquete – crua – cruel – cruzeiro – escravo – lucro – micróbio – recreio – secreto – cravado – crocante – criança – crisântemo – cricri – cru – cruzada – cruz – Cristo – escrita – escrevo – escritor – escritora – criancice – crise – criado – criador – secretaria – credo – crescer – escrever – escritos – croquete – crime – cronômetro –

acre – crescido

Colar todas no caderno e ilustrar. (tarefa de casa)

26/09

CRI – **AN** – ÇA

Observar a diferença do AN e do NA

paradigma do fonema **AN**

ANtena ANtemão ANtônio ANcora ...

27/09

Depreensão do fonema **AN**

Antena – dente – domingo - ontem

Desenhar a tarefa abaixo no quadro e fazer coletivamente.

30/09

CRI – AN – ÇA

LEITURA DA POESIA – A CEDILHA – livro O Tesouro

Ler as palavras que eles trouxeram Emprego do Ç

Frequentemente vemos pessoas escreverem você com **ç (voçê)**

É preciso observar que (CEDILHA) só ocorre NAS SÍLABAS **ça- ço – çu**, nas sílabas **ce – ci** já está incluído o som de (cê)

BANCO DE PALAVRAS- USO DO "Ç"

açúcar
cansaço
descrição
endereço
exceção
inchaço
intenção
licença

muçarela
muçulmano
peça
perseguição
rebuliço
sumiço
terçol
torção

Paradigma do fonema ç a

Licença peça muçarela criança

CULINÁRIA: PIZZA DE MUÇARELA com algum tipo de fruta...(já que segunda é dia da fruta)

Casa – pesquisar objetos, alimentos ou outra coisa que tenham em casa com as sílabas – ç a – co – ç u

01/10

Depreensão do fonema Ç A

faço, açúcar, peça, poça(d'água),feitiço, rebuliço , maciço

Apêndices



Universidade de Brasília - Faculdade de Educação - Departamento de Métodos e Técnicas
 Professora: Teresa Cristina Siqueira Cerqueira
 Disciplina: Projeto 5: Trabalho de Conclusão de Curso – Código: 194778 Turma HD

Pesquisador(a): Andressa Rejane Mendes Moreira

Caríssimo(a) professor(a) colaborador(a),

Como você já sabe, desenvolvo pesquisa no Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. Minha pesquisa tem por objetivo: *Analisar o método Global de alfabetização desenvolvido pela instituição*. Nesse sentido, sua participação é de inestimável valor.

Sei que é desnecessário dizer, mas você deve ficar absolutamente segura(o) do sigilo das informações prestadas. Em hipótese alguma, divulgarei dados constantes desse roteiro de entrevista sem a sua prévia autorização.

Os espaços para as respostas não são rígidos. Portanto, havendo o desejo de fornecer desdobramentos sobre qualquer item proposto, identifique-o e anexe o complemento da resposta ao roteiro.

Desde já, agradeço sua efetiva colaboração, colocando-me à disposição para maiores informações.

Um abraço cordial,
Andressa Rejane Mendes Moreira
annyrmm@yahoo.com.br

Novembro/2013

A1 - Qual seu nome completo? Onde (cidade/estado) e quando você nasceu? Qual a sua idade?

A2 - Em que cidade você reside?

Águas Claras

A3 - No ensino médio, qual é a sua formação?

(x) Curso Normal/Magistério
 Regular

() Curso Técnico

() Curso

Ano de conclusão: 1993

A4 - Você fez o Curso Superior em qual(is) área(s)? Quando e onde você concluiu o(s) curso(s)?

Pedagogia (Supervisão/ administração) / Pós Graduação em psicopedagogia concluído em Vassouras- RJ

A5 - Há quanto tempo você atua no magistério? Há quanto tempo você leciona nessa instituição?

No magistério – 19 anos . Nessa instituição há 9 anos.

A6 - Como você procura se atualizar profissionalmente?

(x) Curso de Especialização () Mestrado ()

Doutorado

() Cursos da EAPE () Cursos em EAD

() Outros cursos de Formação Continuada

Em qual(is) área(s): _____

A7 - A escola disponibiliza recursos para que seja pensado e avaliado o processo de alfabetização?

Sim

A8 - Quais são as competências que o aluno deve adquirir no final do 1º ano do ciclo de alfabetização?

Aquisição da leitura e da escrita. Interpretar pequenos textos.

A9 - Como se dá o processo de alfabetização na escola?

Método Global.

A10 – Qual(is) foi(ram) o(s) critério(s) de escolha, adotados pela instituição, para o método de alfabetização?

Após experiências com outros métodos, chegou-se a conclusão de que o global era mais rico.

A11- Como é organizada a rotina pedagógica para as crianças em processo de alfabetização?

Início do horário dedicado a alfabetização. Jogos e brincadeiras direcionados a alfabetização.

A12 - O método utilizado favorece o alcance dos objetivos de aprendizagem?

Sim

A13 – Que instrumentos são utilizados para avaliar a aprendizagem dos alunos em processo de alfabetização?

Observação diária dos docentes/ Relatórios.

Minha sincera gratidão! Suas reflexões são muito importantes para minha pesquisa. Sei que você precisou dispor de um tempo significativo para preencher este instrumento. Por isso mesmo, renovo meus agradecimentos.



Universidade de Brasília - Faculdade de Educação - Departamento de Métodos e Técnicas
Professora: Teresa Cristina Siqueira Cerqueira
Disciplina: Projeto 5: Trabalho de Conclusão de Curso – Código: 194778 Turma HD

Pesquisador(a): Andressa Rejane Mendes Moreira

Caríssimo(a) professor(a) colaborador(a),

Como você já sabe, desenvolvo pesquisa no Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. Minha pesquisa tem por objetivo: *Analisar o método Global de alfabetização desenvolvido pela instituição*. Nesse sentido, sua participação é de inestimável valor.

Sei que é desnecessário dizer, mas você deve ficar absolutamente segura(o) do sigilo das informações prestadas. Em hipótese alguma, divulgarei dados constantes desse roteiro de entrevista sem a sua prévia autorização.

Os espaços para as respostas não são rígidos. Portanto, havendo o desejo de fornecer desdobramentos sobre qualquer item proposto, identifique-o e anexe o complemento da resposta ao roteiro.

Desde já, agradeço sua efetiva colaboração, colocando-me à disposição para maiores informações.

Um abraço cordial,
Andressa Rejane Mendes Moreira
annyrmm@yahoo.com.br

Novembro/2013

**A1 - Qual seu nome completo? Onde (cidade/estado) e quando você nasceu?
Qual a sua idade?**

A2 - Em que cidade você reside?

Brasília

A3 - No ensino médio, qual é a sua formação?

() Curso Normal/Magistério Regular () Curso Técnico (x) Curso Regular

Ano de conclusão: 1983

A4 - Você fez o Curso Superior em qual(is) área(s)? Quando e onde você concluiu o(s) curso(s)?

Licenciatura curta em História e Geografia – CEUB no ano de 1987.

Licenciatura plena em História – UPIS no ano de 2000

Pós Graduação em Administração Escolar – UNIVERSO no ano de 2005

A5 - Há quanto tempo você atua no magistério? Há quanto tempo você leciona nessa instituição?

Atuo no Magistério desde 1988 na mesma instituição há 25 anos

A6 - Como você procura se atualizar profissionalmente?

(x) Curso de Especialização () Mestrado ()

Doutorado

() Cursos da EAPE () Cursos em EAD

() Outros cursos de Formação Continuada

Em qual(is) área(s): Na área de gestão.

A7 - A escola disponibiliza recursos para que seja pensado e avaliado o processo de alfabetização?

Sim, reuniões com a coordenação pedagógica semanalmente.

A8 - Quais são as competências que o aluno deve adquirir no final do 1º ano do ciclo de alfabetização?

O aluno ao final do 1º ano deverá ser capaz além de ler e escrever os fonemas básicos. Além de se sentir capaz de expressar oralmente e por meio da escrita.

A9 - Como se dá o processo de alfabetização na escola?

É utilizado o método global, de forma mais suave no Infantil V e intensificado no 1º ano do Ensino Fundamental. São apresentados diversos tipos de textos aos alunos ampliando assim a capacidade de interpretação.

A10 – Qual(is) foi(ram) o(s) critério(s) de escolha, adotados pela instituição, para o método de alfabetização?

Os critérios utilizados para a escolha do método global foram: liberdade e participação da criança em todo o processo, a possibilidade de ampliar a visão de mundo da criança por meio da reflexão, da observação desenvolvendo assim a sua capacidade de pensar e analisar criticamente.

A11- Como é organizada a rotina pedagógica para as crianças em processo de alfabetização?

A rotina das crianças envolve desde o momento formal da aprendizagem aos momentos lúdicos que possibilitam o lazer, a socialização e o aprendizado.

A12 - O método utilizado favorece o alcance dos objetivos de aprendizagem?

Os resultados colhidos com a aplicação desse método, renova, ano a não, a convicção que é o melhor método para a aquisição da leitura e da escrita. A criança sente-se estimulada e participa ativamente do produto.

A13 – Que instrumentos são utilizados para avaliar a aprendizagem dos alunos em processo de alfabetização?

Os instrumentos utilizados são todas as atividades que as crianças realiza: exercícios, textos coletivos, atividades lúdicas, jogos pedagógicos, apresentações tais como festas, jogral, dança e outros. A formalização da avaliação do desenvolvimento da criança é entregue aos pais por meio de relatórios semestrais.

Minha sincera gratidão! Suas reflexões são muito importantes para minha pesquisa. Sei que você precisou dispor de um tempo significativo para preencher este instrumento. Por isso mesmo, renovo meus agradecimentos.



Universidade de Brasília - Faculdade de Educação - Departamento de Métodos e Técnicas
Professora: Teresa Cristina Siqueira Cerqueira
Disciplina: Projeto 5: Trabalho de Conclusão de Curso – Código: 194778 Turma HD

Pesquisador(a): Andressa Rejane Mendes Moreira

Caríssimo(a) professor(a) colaborador(a),

Como você já sabe, desenvolvo pesquisa no Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. Minha pesquisa tem por objetivo: *Analisar o método Global de alfabetização desenvolvido pela instituição*. Nesse sentido, sua participação é de inestimável valor.

Sei que é desnecessário dizer, mas você deve ficar absolutamente segura(o) do sigilo das informações prestadas. Em hipótese alguma, divulgarei dados constantes desse roteiro de entrevista sem a sua prévia autorização.

Os espaços para as respostas não são rígidos. Portanto, havendo o desejo de fornecer desdobramentos sobre qualquer item proposto, identifique-o e anexe o complemento da resposta ao roteiro.

Desde já, agradeço sua efetiva colaboração, colocando-me à disposição para maiores informações.

Um abraço cordial,
Andressa Rejane Mendes Moreira
annyrmm@yahoo.com.br

Novembro/2013

**A1 - Qual seu nome completo? Onde (cidade/estado) e quando você nasceu?
Qual a sua idade?**

A2 - Em que cidade você reside?

Brasília-DF

A3 - No ensino médio, qual é a sua formação?

Curso Normal/Magistério Regular Curso Técnico Curso Regular

Ano de conclusão: ____

A4 - Você fez o Curso Superior em qual(is) área(s)? Quando e onde você concluiu o(s) curso(s)?

Pedagogia/ Orientação Educacional/Supervisão Pedagógica – CEUB

A5 - Há quanto tempo você atua no magistério? Há quanto tempo você leciona nessa instituição?

Atuo no magistério há 26 anos e atuo nessa instituição há 26 anos

A6 - Como você procura se atualizar profissionalmente?

Curso de Especialização Mestrado Doutorado

Cursos da EAPE Cursos em EAD

Outros cursos de Formação Continuada

Em qual(is) área(s):_Educação Infantil

A7 - A escola disponibiliza recursos para que seja pensado e avaliado o processo de alfabetização? Sim , por meio de cursos de capacitação.

A8 - Quais são as competências que o aluno deve adquirir no final do 1º ano do ciclo de alfabetização? Compreender o valor do mundo da leitura para a vida prática, de relação consigo e com o mundo, e entendendo eu a leitura e a escrita abre muitas oportunidades de adquirir conhecimentos, ser capaz de tomar contato com diversos portadores de texto, saber ler, compreendendo o se ler e saber escrever, expressar o pensamento com liberdade por meio da leitura e da escrita.

A9 - Como se dá o processo de alfabetização na escola?

Pelo método global. Muito estímulo a leitura pelos projetos de leituras, de idas a biblioteca, e livros na sala de aula.

A10 – Qual(is) foi(ram) o(s) critério(s) de escolha, adotados pela instituição, para o método de alfabetização?

Anteriormente ao método Global, foram usados os métodos fonéticos e silábicos na escola, optou-se pelo global por entender que era o método mais abrangente e colaborava para tornar os alunos como melhores leitores.

A11- Como é organizada a rotina pedagógica para as crianças em processo de alfabetização?

Nas primeiras horas da tarde é trabalhada a aula de português, apresentando o conteúdo da alfabetização. Nos horários subsequentes são realizadas atividades recreativas, atividades lúdicas para a fixação do que foi dado em sala de aula.

A12 - O método utilizado favorece o alcance dos objetivos de aprendizagem?

Sim, aprendem de forma lúdica e feliz e saem do primeiro ano em boas condições.

A13 – Que instrumentos são utilizados para avaliar a aprendizagem dos alunos em processo de alfabetização?

Exercícios diários, deveres para casa e jogos lúdicos.

Minha sincera gratidão! Suas reflexões são muito importantes para minha pesquisa. Sei que você precisou dispor de um tempo significativo para preencher este instrumento. Por isso mesmo, renovo meus agradecimentos.
